

Letras e Artes

Domingo, 22-10-195 SUPLEMENTO DE "AMANHÃ" Ano 4.º — N.º 182



MARIO DELITALA — Xilogravura

REINER MARIA RILKE E O LIRISMO DE LINGUA PORTUGUESA

JOÃO GASPAR SIMÕES

COM o estudo de Albert Beguin sôbre o sonho e a alma romântica inicia-se em França o ciclo de estudos votados à descoberta da filiação da moderna poesia na obra dos românticos alemães. Novalis, eis um dos nomes que figuram na galeria dos autores germânicos analisados pelo grande crítico. Com efeito, Novalis é o autor daquele aforismo, hoje tantas vezes citado, segundo o qual "a poesia é o autêntico real absoluto: quanto mais poético, mais verdadeiro". Antes de Rimbaud, portanto, e antes mesmo de Lautreamont, dois dos mais eminentes astros da poesia moderna, já os alemães concebiam a atividade poética como uma espécie de "experiência mística" - uma forma de conhecimento do "real absoluto". E se é verdade que o "simbolismo" francês, no que se aparenta com a poesia inglesa, bem pode ser, como querem alguns críticos da França, um caso de recuperação de fontes rácicas inibidas — as fontes rácicas celtas —, o que não há dúvida é que, em sua origem, tanto o "simbolismo" como o próprio "supra-realismo" se entroncam muito mais legitimamente na mentalidade anglo-saxônica do que na mentalidade latina. A poesia enquanto "experiência mística", ou "exercício espiritual", quer os franceses o queiram ou não, rescende muito mais aos transcendentes aromas de além-Reno do que aos terrenos aromas de Paris.

Pôsto isto, natural se nos afigura que um Reiner Maria Rilke seja considerado, a par de Paul Valéry, de Pablo Neruda, de Maiacowski, de Fernando Pessoa, de T. S. Eliot, um dos poetas com maior repercussão no lirismo brasileiro-contemporâneo. Aliás, esta afirmação não é minha, mas de Cristiano Martins, autor da monografia "Rilke — o poeta e a poesia", publicada o ano passado na "Coleção Marília de Dirceu", do Movimento Editorial Panorama, de Belo Horizonte.

De fato, já tinhamos tido ocasião de notar que o moderno lirismo brasileiro contava entre os seus mestres poetas que a poesia portuguesa contemporânea quase por completo desconhece. É certo que Paul Valéry e Pablo Neruda, Maiacowski e T. S. Eliot não são poetas que os nossos líricos ignorem. Mas a verdade é que não parece fácil apontar com precisão onde e como a obra dêstes escritores influenciou a obra dos nossos poetas modernos. No entanto, Reiner Maria Rilke é conhecido entre nós, em Portugal. As "Cartas a um jovem poeta" foram traduzidas para português e lidas por grande número dos nossos líricos contemporâneos. A edição das suas "Poesias" vertidas para o nosso idioma por Paulo Quintela também conheceu uma certa voga em terras portuguesas.

Não pretendo abordar de novo uma tese a que neste jornal já tenho feito não poucas alusões. Apenas me limitarei a dizer que estou certo de que a leitura das "Cartas a um jovem poeta" agradou mais aos líricos portugueses do que, pròpriamente, a leitura das suas poesias. Os poetas portugueses, regra geral, são mais sensíveis à teoria — embora a não assimilem profundamente — do que à prática da poesia estrangeira. E não há dúvida de que as "Cartas a um jovem poeta" contêm uma teoria sedutora a muitos títulos para a mentalidade dos modernos poetas de aquém-Atlântico.

Cristiano Martins, que depois de se estrear com um livro de versos, "Elegia de Abril", livro algo "supra-realista" na opinião da crítica, parece que usou romper com a tradição da crítica, estudando "Campeões" nos seus "temas e motivos" realizando "uma interpretação estética e literária" do grande lírico, interpretação que, infelizmente, ignoro, quis consagrar o seu terceiro volume à análise da essência poética rilkeana, reconstituindo, para o leitor, a gênese de algumas das principais obras do autor dos "Sonetos a Orfeu". Ora isto não pode querer significar senão que, em verdade, Reiner Maria Rilke encontrou no Brasil mais aceitação que em Portugal.

Creio bem que Cristiano Martins se não engana quando afirma que a influência que Rilke está exercendo na poesia brasileira se não deve considerar ocasional. Em minha opinião explica-se muito melhor a influência do autor das "Elegias de Duino" na lírica de língua portuguesa do que a influência do autor das "Illuminations", a qual, aliás, me parece pouco palpável Apesar de Rimbaud ser latino e Rilke germânico, elementos há na poesia do segundo dêstes poetas que, pelo fato da sua natureza mais emocional que intelectual, encontram maior aceitação da parte dos nossos líricos. E de novo nos encontramos com o enunciado da nossa tese: o germanismo da poesia moderna existe na própria atitude espiritual do poeta diante do mundo.

Novalis, considerando, no seu "Diário", a poesia "o real absoluto", nada mais fez do que exprimir uma aspiração perfeitamente espontânea da alma alemã. Já Rimbaud, proclamando, na sua "Lettre du Voyant", a necessidade do "desagregamento de todos os sentidos" como condição fundamental da experiência poética, denunciava pràticamente, incapacidades naturais para atingir o que na poesia é "real absoluto".

Disse, e repito-o: as "Cartas a um jovem poeta" impressionaram mais os líricos portugueses do que as poesias de Reiner Maria Rilke vertidas para a nossa língua. E dizendo isto não me contradigo. Mais sensíveis à teoria do que à prática da poesia estrangeira, os poetas portugueses que escutaram o conselho de Rilke a Franz X. Kappus, o jovem poeta a quem dirige suas cartas — "certifique-se se lhe será possível viver, no caso de ser privado de escrever" —, não podem ter deixado de compreender que a poesia, para o poeta germânico, era qualquer coisa como o cumprimento de um fadário — uma fatalidade. Ora se é certo que primeiro um Antônio Feliciano de Castilho, depois um Eugênio de Castro e atualmente os doutrinários estéticos do "materialismo dialético" não se cansaram, nem se cansam, de afirmar que a poesia é uma forma, rítmica ou a-rítmica, de glosar certos temas, a verdade é que a natureza profunda do lírico português sempre compeliu e compele, muito mais para a aceitação da poesia como "fatalidade" do que como "gênero literário".

Teoria, por conseguinte, se por acaso nos é lícito considerar "teoria" os ensinamentos psico-estéticos que Rilke inculca ao seu jovem correspondente, teoria o que se encerra nas cartas a Franz X. Kappus, esta teoria foi recebida pelos líricos portugueses como o não foi, nem o poderia ter sido, a teoria de um Rimbaud da "Lettre du Voyant" ou a prática poética quer das suas "Illuminations" quer das "Elegias de Duíno", de Reiner Maria Rilke.

Na teoria rimbaudiana introduzem-se fatores de ordem intelectual fàcilmente assimiláveis por "pasticheurs", mas de muito difícil aceitação por genuínos poetas. Capazes de abordar a expressão poética na maior desordem dos sentidos — "dérèglement de tous les sens" —, os poetas portugueses que de propósito formado quisessem tomar atitude semelhante só muito problemàticamente salvariam a sua alma de poetas. E, quanto a deixarem-se impregnar pelo estilo entre visionário e lúcido das poesias do cantor do "Bateau Ivre" nisso nem vale a pena falar. Os poetas portugueses, visionários ou lúcidos, ou as duas coisas simultaneamente, não o podem ser nem o sabem ser no abandono total da tradição — a tradição em que um Camões ou um Bernardim Ribeiro, um João de Deus ou um Gomes Leal, um Antônio Nobre ou um Mário de Sá-Carneiro encontraram as palavras e as imagens, os ritmos e as medidas indispensáveis à metamorfose da crisalida que é a inspiração que os soleva.

Resta o caso da poesia de Reiner Maria Rilke. E também esta, posto as suas formas sejam da ordem a que Fernando Pessoa chamou "paúlica" —, o culto do vago e do musical, do panteístico e do metafísico, do "além" em tudo — ordem que Teixeira de Pascoais naturalmente encontrou graças à vara do vedor que fez sua, depois de ter pertencido, malogradamente, ao retórico Guerra Junqueiro, o certo é que muito raros são os poetas portugueses capazes de repetir, sem tropeçar no "pastiche", essa espécie de lírica familiaridade com o animismo do mundo tão característica da arte poética do cantor dos "Sonetos a Orfeu".

A hipótese que nos resta é a impregnação natural através da leitura das "Cartas a um jovem poeta". E na verdade os poe-

(Conclui na 10.ª página)

POETAS DA MINHA GERAÇÃO

STEPHEN SPENDER

(Tradução de Lucio Bauerfeldt)

II

QUANDO se escreve sôbre "movimentos" poéticos, convém indagar "de que se aproximam ou se afastam êles?"

A única resposta capaz de justificar um movimento é esta: "Afastam-se dos maneirismos e aproximam-se da poesia".

E que é poesia? Impossível definir, é claro. Todavia, podemos assinalar coisas que são e outras que não são poesia. Ela é a criação da imagem pela palavra. Representa experiência em metáforas, desenvolvida com lógica exata da imaginação até o ponto onde a experiência original parece ter adquirido uma existência que pertence às palavras e imagens por elas mesmas evocadas, independente do mundo da atualidade. A pedra de toque da poesia é que a linguagem cria a ilusão de uma experiência, existente apenas dentro das palavras, como se elas se tivessem transformado em coisas entre as quais se move o espírito do leitor.

And the dead tree gives nó
[shelter, the cricket no relict.
The long light shakes across
[the lakes.
The intellectual sweetness of
[those lines.
The lovely balcony is lost
Just as the mountains take
[the snow.
Had somewhere to get to and
[sailed calmly on.
The pigeons riddle the London
[air.

Temos acima algumas linhas escritas por poetas inteiramente diferentes (Eliot, Tennyson, Yeats, Empson, Auden, Mac Neice), as quais possuem um denominador comum — a poesia, simplesmente.

Os movimentos são pontos de partida, não finalidade ou meta, e nascem da necessidade que o poeta sente de adaptar-se à experiência da vida em tôrno de si. Sempre os poetas tiveram essa mesma atitude para a poesia; mas, para a época, suas atitudes foram diferentes. Seu esfôrço, em cada geração, de fazerem operações para descobrir o filão da poesia, pode comparar-se ao dos engenheiros para rasgar novos veios à mineração. Certas experiências há que, por serem demasiadamente descritas, perdem a fôrça. Existem estilos que, pelo abuso, se tornam banais, cheios de maneirismos, e dispersos, e cessam de produzir o "cristal terrível" da imagem poética exclusiva.

A característica mais evidente da técnica dos poetas da década de 1930, é o fato dela ter sido o fim da reação contra o formalismo difuso de forma e conteúdo dos escritores pós-vitoreanos e georgianos. Seu tema era o material do mundo industrial moderno, quer em formas novas e experimentais, quer em antigas, por êles empregadas de modo novo.

As primeiras poesias de Auden eram uma esquisita mistura da influência dos poetas anglosaxões, que êle admirava, de enunciação tersa e rígida, de obscuras perorações rúnicas, rigor forçado, e imagens modernas clínicas ou oníricas de cirurgia e de fundo psicanalista.

If though we
Have ligatured the ends of a
[farewell,
Sporadic heartburn show in
[evidence
Of love uneconomically slain,
It is for the last time, the last
look back,
The heel upon the finishing
[blade of grass,

Eis o que, em 1927, com vinte anos de idade, já escrevia Auden. Logo após, poços de minas abandonados, ruínas industriais, colunas arrastando fios partidos, constituiam as características dos seus poemas, apresentados em cenário nórdico desolador.

Residia no isolamento a grande fôrça de sua poesia inicial, de visão e sentimento glaciais como de uma paisagem lunar. Êste traço nunca foi por êle desenvolvido, perda essa jamais de todo compensada pela virtuosidade das idéias e da fôrça do seu trabalho posterior. Com efeito, a enorme habilidade, as atitudes mentais dogmáticas, e o vivo interêsse que demonstrou pelas idéias, abafaram, até certo ponto, êsse desenvolvimento. Todavia, produziu, em sua geração, a mais profusa e enérgica poesia, sob a qual se apagam os traços débeis da paisagem ascética inicial.

Poeta talvez tão original e inteligente como Auden foi William Empson. Entre os poetas de seu tempo, possuia o mais intelectual de todos os métodos de fazer poesia. Seus poemas apresentavam idéias extremamente complicadas que eram, com demasiada frequência, verdadeiros enigmas.

O título de seu famoso volume de ensáios críticos "Seven Types of Ambiguity", revela o perigo de introduzirmos em nosso próprio trabalho criativo, a complexidade que criticamos nos dos outros. Isto, êle, de modo algum, evitou, nem, tampouco, escapa sua poesia de ser infestada de teorias. Não obstante, sua obra tem o mérito supremo de ter sido excogitada, penetrada, e imaginada em cada verso. A despeito da obscuridade, possui sensação verbal e qualidade intelectual iluminada e transparente — transparência um tanto escura, como a do cristal embaciado.

A meio da década, Empson escreveu um poema satírico, mais simples que os demais de sua lavra, chamado "Just a Smack at Auden", que elucida as controvérsias literárias então existentes:

Waiting for the end, boys, wai-
[ting for the end.
What is there to be or do?
What's become of me or you?
Are we kind or are we true?
Sitting two and two, boys, wai-
[ting for the end.
Shall I pluck a flower, boys,
[knowing, it will rend
Crack upon the hour, boys,
[waiting for the end?
Shall I pluck a flower, boys,
[shall I save or spend?
All turns sour, boys, waiting,
[for the end.

Baseado em um niilismo fundamental, êle faz carga sôbre o oportunismo intelectual de Auden durante a década. Justifica-se a crítica porque, quando Auden abandonou o "isolamento clínico" e saiu em busca de uma Causa, suas fases marxistas e freudianas não encobriram um ceticismo fundamental quanto ao destino do indivíduo e da civilização, o qual se revelava, por vêzes, em poemas com MISS GEE. Auden, contudo, teria concordado com a crítica de Empson que, embora acrimoniosa, demonstra respeito quase afetuoso pelo trabalho e rende tributo ao autor.

E' provável que não estivessem muito distantes entre si as posições de Auden e de Empson. Êste exigia uma integridade intelectual donde resultava, às vêzes, erudição pedante. Auden sacrificava grande parte da visão intelectual com o intuito de amenizar sua poesia e apoiar a política cujos erros percebia, mas que lhe pareciam, no entanto, ser a causa menos comprometedora frente à ameaça malígna daquela época. A poesia de 1930 era, na realidade, mais complexa do que se imaginava. Tinha como política uma espécie de ortodoxia oriunda do que parecia ser uma necessidade imposta e, fora dessa ortodoxia, existiam objetivos de poesia pura, de poesia de amor, de poesia da natureza, e um anseio de fé que ultrapassou os conflitos da década. Isto é tão verdadeiro na parte que se refere a mim, a Mac Neice, e a Day Lewis, como na que toca a Auden e a Empson. As antologias da época contêm trabalhos de poetas tão diversos como Ronald Bottrall, David Gascoyne, Dylan Thomas, Julian Bell, A. S. J. Tessimond, e Michael Robert, os quais possuem um ponto comum de concordância, que é o antifascismo, embora, mais tarde, divergissem seus caminhos. Quanto ao meu trabalho, teve sempre um tom duplo de mundos internos e externos, de pesquisa da objetividade histórica em combinação com o cultivo de intensa subjetividade. Atacaram-no os marxistas devido ao que êles chamavam de seu "misticismo". Verá, quem ler "Illusion and Reality", de Christopher Caudwell, que os marxistas ortodoxos criticaram o movimento de 1930 devido às suas "ilusões burguesas".

Procurei nestas linhas considerar a década de 1930 sob o ponto de vista de um pressuposto: que a motivação da poesia se justifica, apenas, quando representa impulso que conduz o poeta a um sítio onde se encontre em solitude, fora da qual julgue sua poesia como idéias peculiares à própria experiência. Revolução, tradicionalismo, religião, natureza, política podem, todos, ser — e todos têm sido — impulsos dessa espécie, os quais levam os poetas àquelas paragens onde tornam a criar as atitudes de "movimentos", como se fossem, o próprio sentimento sensual envolto na própria roupagem sensual. E' o movimento que é justificado pela poesia, e não esta por aquêle.

A mim Day Lewis pareceu um poeta, que, embora imprimindo, muitas vêzes, pensamentos fortes em imagens e palavras notáveis, apenas raramente ocupava inteiramente o lugar central da sua própria experiência. Não havia êle ainda sofrido o derradeiro processo de expurgo, mediante o qual o poeta se livra das idéias aceitas e depois as entoa com a própria voz para nascer, de novo, no espírito dos outros, de modo que mesmo aquilo que há muito foi reconhecido é visto como se fôra pela primeira vez. Aderiu ao seu trabalho uma aura de atitudes literárias, ao invés de ser êle reincarnado dentro de uma forma tornada inteiramente sua.

Examinando o assunto com a máxima isenção de que somos capaz, julgamos que Auden e Empson foram os poetas mais vigorosos desta geração. Pensamos que Mac Neice, faltando-lhe embora a energia de pensamento daqueles, possuia, entretanto, uma personalidade poética marcante e original, que se manifestou de forma elegante, sagaz, e atraente em muitas invenções E que, a despeito de suas convicções poéticas resolutas, Cecil Day Lewis foi poeta de maior sensibilidade e realização convencionais.

KOESTLER "VERSUS" SILONE, EM BERLIM

O que houve no conclave de filósofos e escritores, recentemente efetuado na capital alemã

As complicações internacionais dêstes últimos meses, oriundas da guerra da Coréia e da questão alemã, fizeram com que passasse despercebido um congresso mundial, reunido em Berlim, de junho a julho passado, com o fito de discutir o problema da defesa da cultura.

Figuraram como patronos da iniciativa os filósofos Benedetto Croce, Karl Jaspers, John Dewey, Bertrand Russel, Jacques Maritain, mas nenhum dêles pôde participar dos trabalhos. O verdadeiro organizador do conclave foi o seu secretário geral, Melvin Lasky, redator-chefe da revista literária e política DER MONAT, publicada em Berlim. E quem animou os debates foi o escritor Koestler, autor de "Zero e o infinito", que se empenhou em caloroso duelo oratório com o romancista italiano Silone.

Fecundo em expedientes tribunícios, Koestler mostrou-se adversário decidido de tôda espécie de compromisso, tôda espécie de engajamento do intelectual no terreno partidário. Mas, por outro lado, investiu impetuosamente contra os neutros, os tíbios, os frouxos, os liberais. Cabe ao intelectual escolher. Deverá dizer "não" ao totalitarismo russo e "sim" às democracias — disse Koestler.

Quanto a Silone, proclamou êste o seu desejo de combater o totalitarismo, mas em tôdas as suas manifestações. Disse: "Até mesmo nos países democráticos, a liberdade não é um bem natural, nem imutável, nem definitivamente adquirido. Até mesmo nesses países, cumpre defender, alargar e aprofundar as liberdades existentes. Deve-se examinar a questão da liberdade cultural, sem as restrições impostas pelo fanatismo da propaganda. Nenhum homem livre pode impôr silêncio a seu adversário sem que faça mal a si mesmo".



Koestler

O debate entre Koestler e Silone não poderia, contudo, ser interpretado como uma disputa entre "duros" e "frouxos", pois Silone também declarou não acreditar numa política de neutralidade. E, em tôda a assembléia, não houve escritor algum que se mostrasse hesitante, quanto à conveniência de bater-se o artista pela liberdade. As divergências se verificaram foi quanto ao modo de se orientar êsse combate.

Tal congresso, em que tiveram posição saliente muitos ex-militantes comunistas convertidos, acabou por um manifesto e, com a oposição dos delegados britânicos, introduziu-se uma subtil substituição numa das conclusões: Em vez de se declarar que as ideologias totalitárias não podem gozar de foros de cidade na república do espírito, afirma-se que não se pode invocar, em nome da lógica, a noção de tolerância para cobrir a de intolerância.

A assembléia enviou, ainda, mensagens de solidariedade às vítimas dos regimes totalitários da Rússia e da Espanha. O escritor Czapski propôs a criação de uma universidade livre para os refugiados dos países submetidos a regimes totalitários, e Silone pediu a abertura de inquéritos sôbre a liberdade dos intelectuais dos países em que o Estado controla todos os meios de expressão.

Uma comissão internacional foi criada para a aplicação dêsse programa. Como representantes da França foram escolhidos: David Rousset, André Philipp, François Mauriac e Raymond Aron.

ASSIM É LISBOA

(Conclusão da 5.ª pag.)

e dos palacetes... Compraram meias de vidro e fizeram "permanente". Ali vão, pesadas, com o seu peixe de luxo e seu "cachucho" no dedo. Estas não cantam — contam: são as formigas da cidade...

Terreiro do Paço, a mais bela praça da Europa... A estátua de D. José, com o seu cavalo de bronze, pesa cêrca de 30 toneladas. Para a levarem para o seu lugar, foi preciso abrir-se uma rua. Dali partiam e ali chegavam as naus da India. Junto às arcadas de pedra, degraus que mergulham no Tejo. E, no rio, as velas das fragatas e as asas das gaivotas...

Jardins de Lisbôa, jardins alfacinhas sem relvas à inglesa nem buxos à francesa. Tudo nacional — o coreto e a sua banda, a criadinha e o galucho, as crianças com os seus arcos e as suas birras. Aqui e além, flores que já não se usam: — Anáguas-de-Venus, cinerárias, brincos-de-princesa... De quando em quando, árvores exóticas, de nomes saborosos: — araucárias, jacarandás, árvores-de-Judeia. E, sobre os jardins, o sol — mel de tôdas as flores.

LITERATURA COMPARADA

JOAQUIM RIBEIRO

QUASE sempre os nossos ensaistas primam pela falta de novidade, pela ausência de subtileza e, sobretudo, pela falta de consistência nas suas asserções. Raros são os que dispõem, como Eugenio Gomes, autor de "Espelho contra espelho", de seguro equipamento cultural, espirito de pesquisa e incisivo discernimento critico.

Este seu ultimo livro é um mundo de "trouvailles" e de sugestões.

Eugenio Gomes não sabe repetir. Tudo que escreve tem sempre o sabor da coisa nova, da descoberta inesperada e da satisfação do enigma decifrado. E, mesmo quando versa tema demasiado discutido, sabe encará-lo por novos prismas.

E' esse o segredo de sua critica, toda ela moldada na pesquisa do inédito e do não revelado.

Justamente por isso desperta, com os seus ensaios, novos caminhos e novos itinerarios, até então desconhecidos.

No campo de sua predileção, que é o da literatura comparada, surge-nos como um Andrew Lang brasilico, reunindo esplendida erudição a um profundo espirito de análise, a que não falta nem sutileza nem leve malicia.

E' lendo as suas contribuições criticas que se conclui a necessidade do renovação de nossa historia literaria, pois doravante não se pede mais escrevê-la sem o apêlo aos seus estudos, na verdade excelentes.

O simile, para evidenciar fontes literarias ou para salientar diferenças, é a substancia de sua exegese critica. Toda a primeira parte de sua obra representa algo de profundo para a compreensão de Machado de Assis, Rui Barbosa e Gonçalves Dias.

O seu ensaio sôbre "Swift e Rui", aparecido numa época em que se escreveu tanta coisa inutil, ridicula e mediocre sobre o grande baiano, é um admiravel milagre de "finesse" e de agudeza critica.

A contribuição sôbre Gonçalves Dias e Shelley constitui, igualmente, uma analise proveitosa sôbre um dos aspectos obscuros da obra do nosso amado poeta da eterna e simples "Canção do exilio".

E, magistral e inexcedivel, e seu estudo sobre as fontes de Machado de Assis não exprime apenas a vocação de Eugenio Gomes para essas investigações de reflexos exóticos em nossas letras, mas flui toda a sua agudeza espiritual e todo o seu delicado discernimento de perfeito exegeta.

Não ha rebarbas nem excessos nas suas retificaçoes e nos seus delineamentos etiológicos.

Essa capacidade de reunir farta documentação sem cair em exorbitancias, essa sobriedade sem alarde, esse estilo energico sem fugir ás nuanças, tudo torna a obra de Eugenio Gomes profundamente singular, em nossa critica.

E' possivel que tenha adquirido, no trato com as letras inglesas, esse tom diferencial que nos agrada e, ao mesmo tempo, nos espanta. Lendo-o, tem-se a impressão de estar lendo um ensaista europeu, isto é, um ensaista "decantado" por uma cultura de raizes seculares.

Eugenio Gomes é para a nossa critica o que Machado de Assis foi para a nossa novelistica. Uma esplendida excepção.

Aumenta essa impressão sugestiva a leitura da segunda parte deste volume, que é delicioso passeio por estranhos autores de lingua inglêsa.

Essa viagem no tempo e no espaço deixa-nos reminiscencias inesquéciveis, E nesse mister de suave divulgação, reencontro em Eugenio Gomes aquele dom de semeador que foi o gesto permanente de João Ribeiro neste árido Brasil. E' um contentamento.

—

Quem aprecia essas pesquisas de literatura comparada, sabe perfeitamente quanto é fascinante esse desentranhar de filiações quase sempre encobertas.

Uma das investigações mais interessantes de Eugenio Gomes é a demonstração que faz, da influencia de Victor Hugo em Machado de Assis.

E' uma surpresa. Não resta duvida que Machado de Assis é aparentemente o menos "hugoano" dos escritores brasileiros. E foi obedecendo a essa aparencia que Mario Matos, espirito de delicada acuidade, sustentou não ser Machado um entusiasta de Victor Hugo. Todos nós pensamos assim.

A verdade, porem, é que Eugenio Gomes, fazendo como que a análise espectral do criador de QUINCAS BORBA, aponta as ocultas raizes que ligam o nosso escritor ao mundo hugoano.

Diante da surpreendente documentação, não podemos mais negar essa fonte francesa de Machado de Assis.

Entre as numerosas comprovantes apresentadas pelo autor de "Espelho contra espelho", figura a que aponta, como fonte do sonêto CIRCULO VICIOSO o poema dialogado ABIME de LA LEGENDE DES SIECLES.

Não ha duvida que o poema hugoano é um ENCADEAMENTO que vai do Homem à Terra, desta ao Sol: seguem-se Sirius, Aldebarão, Arcturus, o cometa, o Setentrião, o Zodiaco a Via-Lactea, as Nebulosas, o Infinito e, por fim. Deus que encerra o dialogo advertindo:

JE N'AURAIS QU'A SOUFFLER, ET TOUT SERAIT DE L'OMBRE".

Eugenio Gomes compara: "Não parece estar aí o germe da sugestão que teria levado Machado de Assis a escrever em 1878 uma obra prima, o sonêto CIRCULO VICIOSO, publicado na REVISTA BRASILEIRA, em 1879? O famoso sonêto é um diálogo entre um vagalume e os astros. Em que sentido? O vagalume deseja possuir o brilho da estrela; a estrela, o da lua, a lua, o do sol, mas o sol, que é o ultimo a falar, confessa-se enfarado de sua "azul e desmedida umbela" e suspira: "Por que não nasci eu um simples vagalume?"

E' perfeitamente aceitavel a conclusão de Eugenio Gomes e, ainda ai, verificamos que Machado de Assis descongestionou, num sonêto a poética oratoria e redundante de Hugo.

Essa pesquisa, entretanto, é um convite para os que, como nós, amam a literatura comparada por um outro aspecto: o FOLKLORICO.

E, nesse sentido, não podemos fugir a um comentario que o estudo de Eugenio Gomes nos sugere.

O FOLKLORE possue métodos mais flexiveis que os da pura literatura comparada. Não compara autores. Compara póvos através de seus tradicionalismo. Há, pois, uma ampliação de perspectivas, e, nisso, reside a força de suas generalizações.

Comparando-se, tecnicamente, o poema de Victor Hugo com o sonêto de Machado de Assis salienta-se nitidamente a diferença.

No poema hugoano ha ENCADEIAMENTO ASCENDENTE do Homem até Deus. Já no sonêto Machadiano observam-se um ENCADEIAMENTO ASCENDENTE do vagalume ao sol e outro DESCENDENTE do sol ao vagalume.

Ora, a formula adotada por Machado de Assis leva-nos a recordar alguns dados folklóricos.

No folklore de diversos povos encontram-se ESTORIAS e LENGA-LENGAS ritmicas que obedecem a esse duplo ENCADEAMENTO ASCENDENTE-DESCENDENTE.

Essa serie de motivos parece de procedencia ariana.

Pelo menos no PANTSCHATANTRA, famoso repositorio de apólogos da velha India, figura o espécime mais antigo de que se tem noticia. Pode-se ver na tradução francesa de Lancereau ou na alemã de Benfey.

A temática é, em sintese a seguinte: Um velho indú transforma uma RATA em rapariga, que desejando casar, o indu propôs dar como esposo o SOL, a mais forte das coisas; este é recusado porque a NUVEM é mais forte do que ele, tanto que o encobre; a nuvem tambem é recusada porque o vento pode mais do que ela, tanto que a arrasta; o vento é igualmente recusado porque o MONTE é mais forte do que ele, tanto que o faz parar; o monte, por sua vez é recusado porque o RATO pode mais do que ele, tanto que o perfura. Casa-se, pois, a rapariga, que o indu' restitue à forma de rata, com o rei dos ratos.

Esse velho raconto indiano e o antepassado remoto da nossa estoria da Baratinha, que depois de recusar sucessivamente varios noivos, desposa o João Ratão.

Não se pode afirmar, contudo, que essa ideação acumulativa de sequencias temáticas seja exclusivamente ariana.

Na velha literatura semitica tambem vamos encontrá-la. No MIDRASCH KOHELETH, livro rabinico, registra documento mais ou menos paralelo.

As quatorze coisas, cada qual mais forte que a outra, segundo Zehuda, são: o fundo do mar, a terra, o monte, o ferro, o fogo. a agua, a nuvem, o vento, o muro, o vinho, o sono a doença, a morte e, enfim, a mulher.

Noutras obras antigas não faltam alusões a racontos desse feitio.

Na versão ariana, porem, prevalece, com nitidez, o ENCA-

(Conclui na 4.ª pág.)

GUERRA JUNQUEIRO NA OPINIÃO DOS NOVOS DE PORTUGAL

A propósito do centenário de Guerra Junqueiro que se comemora êste ano, o "Século Ilustrado", de Lisbôa, realizou, um inquérito entre a geração nova, procurando saber como esta julgava o poeta dos "Simples". O inquérito se estendeu de José Regio, "já na curva ascendente da glória", como diz o jornal a Fernando Guedes, um dos mais jovens poetas portugueses. Na impossibilidade de reproduzirmos tôdas as respostas, o que ocuparia muito espaço, aqui procuramos resumir as mais expressivas. Começaremos pelo autor do "Cântico Negro".

"Se há um grande poeta português..."

... — diz José Regio — capaz de empolgar multidões — grande poeta cantando no polo oposto ao do grande poeta para raros apenas — êsse é Junqueiro. Independente disso, a "Patria" "Os Simples" e vários poemas dispersos pelos seus outros livros são obras de arte que já pertencem ao nosso tesouro eterno".

"Guerra Junqueiro é um dos raros..."

...chamados grandes poetas que nunca me interessou — declara Leonor de Almeida. Encontro a sua obra vazia, não obstante a magnifica torrente das palavras. Numa fonte de onde brotam ricos europeis e jóias com fulgurancias subitas, mas que nos esconde o mistério dos corpos e das coisas, quando a missão da poesia é justamente a revelação dessas mesmas coisas e desses mesmos corpos".

"Confesso não ver a obra junqueiriana..."

... com a admiração que por aí anda acessa — diz outro novo, Vasco de Lima Couto — E' natural que fôsse necessária no seu tempo e que a musica de suas palavras corresponda ainda a gostos estéticos de hoje. E' natural que ela sirva ainda para fins alheios á poesia. O que não consegue é a altura poética de Nobre, do Cesário ou do Gomes Leal".

"Não lhe posso dizer que viva..."

...na obra de Junqueiro a emoção de uma alta poesia — afirma Natércia Freire — mas entendo que o devemos considerar como um dos nossos grandes poetas.

Outras opiniões

..Maria da Graça Azambuja acha que quando sua geração chegou já desaparecera o prestigio de Junqueiro, que "despedia versos como raios nas suas coleras trovejantes de politico.."

..Fernando Namora — nome já um tanto conhecido no Brasil — tem uma opinião bem estranha de Junqueiro: acha que ele apresenta afinidade com os poetas progressivos de hoje" e foi de certo modo um precursor, reagindo contra o lirismo individualista e acadêmico — "que parecia ter assentado arraiais definitivamente na história literária portuguêsa".

Pedro Homem de Melo acha que os novos pouco se interessam por Junqueiro, enquanto Fernando Guedes acha que se deve aceitar e admirar essa obra, integrada no panorama social em que o poeta viveu, mas deve haver reflexão, antes de se lhe chamar gênio, antes de o colocarem entre os maiores da literatura portuguesa.



Desenho de YLLEN KERR

JUAN BATLLE PLANAS E SUA PINTURA SURREALISTA

JULIO E. PAYRÓ

Entre as mais notáveis figuras do grupo surrealista argentino destaca-se Juan Batle Planas. Tardiamente, como tem acontecido até agora com os movimentos artísticos de vanguarda, chegou o surrealismo á Argentina. Em pouco anos as idéias de Breton e c pintores de sua tendencia s tinham expandido por tod parte entre a juventude artistica de "entre deux guerres, e — paradoxalmente — obtendo do grande público uma acolhida mais favorável do que a tributada a qualquer das escolas de abstração **racionalista** fundadas no decurso do século.

Na irracionalidade surrealista encontrou o profano maior deleite do que nas meditadas, organicas e harmoniosas construções dos cubistas, dos puristas, dos neo-plásticos, O imaginismo literario, ainda que absurdo e caprichoso, triunfava uma vez mais, sôbre a plástica pura ante espectadores que pareciam escravizados ao bruxedo da pintura figurativa.

Além disso, o fundamento cientifista do surrealismo, seus vinculos com a muito popularizada psicanalise — que ganha na boca de todo mundo as palavras "complexo", "repressão", "sublimação", "neurose" — não deixava de envolver de uma aura prestigiosa as produções de pintura psicanalitica. Assim, quando se realizou uma grande exposição surrealista em Londres, artistas de catorze nações — inclusive o Japão — participaram da mesma.

Entretanto transcorreram mais três anos sem que a influência do movimento chegasse ainda a manifestar-se na Argentina.

Foi, segundo cremos, na exposição do grupo Orion, realizada em outubro de 1939, numa dependencia do edificio Barolo, em Buenos Aires, que tivemos a primeira manifestação importante do surrealismo argentino. Nesse conjunto, não figurava obra alguma de Batlle Planas — sempre refratário a tomar parte de qualquer grupo. Suas produções apareceram pela primeira vez nesse mesmo ano numa discreta mostra individual de "collages" no Teatro del Pueblo e no 6.º Salão de Outono, onde apresentou êle um óleo e uma tempera nitidamente surrealistas.

Por essa ocasião, contava o artista 28 anos. Não era um improvisado nem um indeciso principalmente. Já afirmava sua tendencia, nunca depois desmentida, numa carreira retilinea de continuas ascensões, enquanto muitos dos jovens adeptos do surrealismo 1939 derivavam para outras orientações.

Juan Batlle Planas nasceu em Torrcolla de Montgri, provincia de Gerona, em 1911, sendo trazido pelos pais para a Argentina, onde chegou em 1913. Pode considerar-se argentino, embora ainda não haja passado pelos trâmites da naturalização. Catalão, conhece, sem dúvida, a Catalunna pelo que tem ouvido dela no seio da familia e também pelas vozes secretas do sangue Mas, sob o céu de Buenos Aires formou-se o seu espírito, nesta terra é que ele se vem realizando, e a terra e o céu argentinos invadem-no, prendem-no.

Autodidata, orientado pelo tio José Planas Casas — que hoje dirige uma escola de pintura e escultura em Santa Fé e executa suas telas — passou pelos ateliers de Belas Artes, aperfeiçoando a arte de pintura reclamada por uma ardente vocação, enquanto a vida universitária lhe impunha á mocidade minuciosas e exautivas tarefas de artesão, das quais conseguiu livrar-se por fim em época recente.

Foi seu surrealismo inicial uma defesa contra a opressão dessa realidade prosaica que gravitou sobre os seus anos juvenis. Logrou encontrar essa salvadora válvula de escapamento graças a um poderoso instinto de artista reprimido pelas circunstâncias de uma vida insatisfeita. Desde as primeiras obras, que datam de 1935 (vê-se não ter tido ele pressa em expor) percebe-se que Batlle Planas volta as costas para o real. Realiza projetos decorativos, esboços, pinturas resolutamente não figurativas em duas ou três dimensões. Talvez não se possa falar ainda em arte surrealista: o debuxo da subconsciencia ainda não começou. Mas já estamos em terreno distanciado da intuição e do racionalismo. Prepara-se o campo para a semente da libertação pelo instinto.



"Ley Paranoica" — J. BATLLE PLANAS

Georges Hugnet, autor de paginas luminosas sobre o surrealismo, diz em certa altura, levado pela sua paixão proselistica: "Cumpre-me d e i x a r bem claro que a pintura surrealista não deve ser julgada de um ponto de vista artistico ou plástico; concordaremos que um pintor deve ser capaz de pintar, mas a pintura surrealista não há de ser julgada pela **qualidade** artistica. Nenhuma obra **pode** ser, nenhuma obra **deve** ser julgada desse ponto de vista..."

A ser aceitável essa afirmação tão extremada que, de certo beneficiaria grande número de integrantes do movimento, não c a b e r i a juizo critico acerca de tal pintura, já que esse juizo só poderia fundar-se na qualidade artistica das obras independentes de qualquer o u t r a consideração. Afortunadamente, as realizações de Batlle Planas têm merecido os juizos mais favoraveis da critica pela sua categoria de obras de artes. O catalão-argentino expressa-se numa linguagem essencialmente plastica, de consideravel distinção. E sua forma adapta-se de modo admirável ao conteúdo. Daí a pintura de Batlle Planas não nos propor somente problemas de filosofia e de moral, que não irão necessariamente determinar o juizo critico, mas que constifluem o "fato pictorico" (oposto ao fato anedótico, ao fato psicológico, etc.) cuja consecução é, no dizer de George Braque a própria qualidade da arte de pintura.

Em qualquer de suas facêtas, **as Radiografias** em negro e em côr (1936 os esboços lineais tão cheios de sugestões (1937) as composições e a tempera pequenas ou grandes, de colorido tão vivaz e harmonioso (1938-1939), a série do **Tibet** e **o Lama**, com suas silhuetas tão humanas, apesar da aparente irrealidade, os graciosos óleos cinzentos, evocando o super-homem **Gandí aos apostolos** peregrinos (1942), ou as composições automáticas mais recentes, as do ciclo dos **Mecanismos do número** (1945), os profetas barbudos cujas inspiradas efigies nos trazem a imprecisa r e c r d a ç ã o de Theotocopuli (1946-1947), as porticas imagens dos édolescentes contemplando a lua (1947), as legendarias figuras femininas revestidas de adornos vegetais que engendram nelas estranhas metamorfoses (1947) ou as enigmáticas **Vendedores de vidrilhos** (1948), — por toda parte encontramos a finura, a graça, o bom gosto, a harmonia cromática, a equilibrada plenitude das composições, a técnica correta e sem alardes a ausencia de pequenez no conceito e no tratamento que configuram as autenticas realizações da boa pintura.

Produto invariável da introspecção, cada quadro de Batlle Planas tem sua significação subjetiva, impenetravel, que pertence ao fôro intimo do autor. Mas também possui um sentido mais geral e este é acesivel ao espectador, porquanto muitos dos problemas que o artista focaliza e suas telas, por individuais que sejam são também problemas humanos, compartilhados por mais de uma pessoa das que lhe examinam as obras. Pode diferir, sem dúvida, ligeira ou consideravelmente a interpretação do publico e a do pintor, todas as criações de tipo imaginativo como as de Batlle Planas oferecem grande latitude interpretativa: o mesmo ocorre com a música e a poesia, que em cada individuo fazem ressoar ecos distintos. Entretanto, a divagação em torno de uma pintura surrealista desta categoria não é indefinida nem ilimitada. Batlle Planas dirige e canaliza em precisos, ainda que amplos limites nossa emoção e nosso pensamento. Sua "irracionalidade frenada" (dêle é a expressão alusiva á base automática de todas as suas produções, ainda ás mais concordantes com aspectos reais) comunica, de maneira extraordináriamente posante fundas sugestões: liberdade, solidão, desamparo nos espaços infinitos do céo e da terra; solene eternidade das coisas; vertice cosmico, mistério dos abismos insondáveis, périplos inquietantes por labirinticos arquipelagos : surpresa de descobertas em pesquisas ao acaso; acachapante, pequenez do homem perdido na imensidade do universo; perplexidade do sábio ante o enigma; arroubo da menina ante a fascinação lunar; dor do Santo ante a miséria humana; exaltação dramática do evangelizador e do profeta; angustia do individuo que simula e disfarça, patético fracasso do amor que não realiza a sonhada fusão e integração dos amantes.

Assim com sua mistica — de outro modo não podemos chamá-la — e essa poética tão eloquênte alcançada pelo cultivo do fantastico do subconsciente, das imagens estranhas e incongruentes, que lhe brotam do instinto em forma metafónica, Planas fez da pintura essa "fisica da poesia" de que nos fala Paul Eluard. Como quis Breton: "reduz as antigas condições contraditórias do sonho e da realidade a uma realidade **absoluta**, a uma irrealidade, e chega ao "coração do assunto", ao coração das grandes árvores da selva do maravilhoso

LITERATURA COMPARADA

(Conclusão da 3.ª página)

DEIAMENTO CRESCENTE E DECRESCENTE e, por isso, é a formula, a meu ver, mais próxima da ideação do CIRCULO VICIOSO.

Não me atrevo a afirmar que o nosso Machado de Assis se inspirasse no velho texto indu'. Não seria impossivel, mas é mais provavel que se abeberasse numa versão mais recente do folklore. Esse raconto deixou trilhas em nossa tradição popular. Rodrigo Octavio nas suas "Memorias" recorda uma variante brasileira de igual indole.

Ainda não se respigou na obra do nosso grande estilista a reminiscencia do mundo folklórico do moleque sacristão, que, como todo menino de morro, deveria ter tambem o seu arquivo de "Era uma vez"...

Que Eugenio Gomes me perdoe por esse breve comentario de humilde folklorista. Os livros como "Espelho contra espelho" são assim; Criam, em torno de si, uma franja de sugestões — para quem lê. Ensinam e nos obrigam a refletir. Creio que é uma virtude excelente.

O ALBUM

Conto de ANTON TCHEKOV

O conto que aqui apresentamos aos nossos leitores é, talvez, o mais curto de Tchekow, o que não o impede de ser uma verdadeira obra prima. Em poucas linhas, o admirável escritor narra-nos uma história humana, condensando um mundo de ironia e piedade

O CONSELHEIRO titular Craterof, homem magro, fino como uma flecha de campanário, adianta-se e voltando-se para Imikof, declara-lhe:

— Excelência! Comovidos pela bondade demonstrada durante os anos em que foi nosso chefe...

— Mais de dez anos — interrompeu Zakusin..

— Há mais de dez anos que temos a honra de ser dirigidos por V. Exa. e hoje, celebrando o aniversário de sua carreira, queremos dar-lhe um testemunho de alto apreço oferecendo-lhe êste album com os nossos retratos. Pedimos-lhe que o aceite como prova do respeito e a gratidão que lhe votamos e do ardente desejo que formulamos de tê-lo ainda por chefe durante muitos anos...

— E nem nos prive dos seus conselhos paternais — interfere Zakusin, chegando para frente (Percebia-se haver êle preparado um discurso e estar impaciente por falar) — Que a sua bandeira drapeje sempre nas sendas do talento, do trabalho e do gênio.

Pela face esquerda de Imikof desliza lentamente uma lágrima.

— Senhores — diz êle com voz tremula — Não esperava ter de fazer hoje um discurso e não possuo a ciência de falar... Mas asseguro-lhes que sempre... até... até a morte lembrar-me-ei sempre desta prova de atenção. Creiam-me, meus amigos, ninguém deseja vê-los mais felizes do que eu... e se alguma vez houve qualquér incidente entre nós, podeis estar certo de que a minha intenção foi boa e que agi sempre pensando em vosso bem.

Com estas palavras, o Conselheiro de Estado abraça e Conselheiro titular Craterof, que não esperando semelhante honra, empalidece de satisfação. Depois, o chefe faz um gesto com a mão, mostrando que a emoção o impede de falar e começa a chorar, como se lhe tivessem roubado um lindo album, em lugar dêste lhe haver sido ofertado. Recuperada a tranquilidade, pronuncia algumas palavras comovidas, estende a mão a todos, desce a escada, acompanhado de palmas, vivas, votos de felicidade e entra no seu carro. Durante o trajeto revive a sensação do acontecimento feliz e imprevista. Derrama lágrimas de novo.

Maiores alegrias o aguardavam em casa: a família, os amigos, os parentes, fazem-lhe tal manifestação que êle se convence de haver trabalhado realmente multissimo pela glória da pátria e que, se não fôsse êle a pátria estaria realmente em perigo. Em suma, Imikof não imaginava ser um homem tão precioso assim.

— Senhores! — diz êle antes da sobremesa — Há duas horas fui recompensado em todos os sacrifícios feitos, durante a minha vida pela pátria, de tôdas as penas que sofre um homem que cumpre o seu dever. Sempre me mantive fiel à sentença de que vivemos para o povo e não o povo para nós. Hoje veio-me a recompensa disso. Os meus subordinados me ofereceram êste album... Ei-lo aqui...

Todos os rostos se inclinaram para contemplar o valioso objeto.

— E' muito bonito! — declara Olia, a filha de Imikof. Deve ter custado pelo menos uns cinquenta rubros. Muito mimoso. Papai, dê-me êsse album, ouviu? Eu quero guardá-lo, acho-o uma maravilha.

Depois da refeição, Olia leva o album para o quarto e guarda-o na gaveta de sua mesinha. No dia seguinte, sem a menor cerimônia, tira os retratos dos funcionários e substitui-os pelos das suas companheiras de colégio. Em lugar dos rostos barbados ficam as carinhas juvenis. Kolia, o filhinho do Conselheiro, apanha os retratos dos funcionários, tinge-lhes os uniformes com tinta vermelha, põe-lhes bigodes e barbas grandes. Nada mais havendo que pintar, recorta as figuras, fura-lhes os olhos e começa a brincar com elas. Ao recortar o Conselheiro Craterof, prega-o com um alfinete numa caixa de fósforo e leva-o ao gabinete do pai.

— Olha, papai, uma estátua.

Imikof rindo, abraça-o, beija-o nas faces rosadas, encantado com o engenho do pequeno.

— Anda, seu manganão, vai levá-lo à mamãi para que ela também o veja!...

ASSIM E' LISBOA

FERNANDA DE CASTRO



TÔDAS as cidades são iguais — e tôdas são diferentes. Em tôdas as cidades há ruas e casas, estátuas e jardins — mas Praga é a cidade das torres, Berna a cidade das fontes, Rio de Janeiro a cidade luz, Paris a cidade das mulheres — Lisboa a cidade do sol.

Em dias de chuva Lisboa é triste, mal humorada, e passa despercebida na multidão das cidades. Ninguem dá por ela. E' uma burguesinha apagada que veste mal, a Gata Borralheira da Europa. Mas vem o sol e a cidade transforma-se, veste-se de tôdas as cores, cobre-se de sedas e de lantejoilas. O céu é uma safira, o Tejo uma esmeralda, as casas chitas de ramagens — e até as roupas estendidas ás janelas são revoadas de borboletas brancas.

Ainda há poucos anos, Lisboa poderia chamar-se como **Toulouse-la-rose, Lisboa-a-cor-de-rosa** Eram cor-de-rosa os prédios assimétricos dos bairos populares; cor-de-rosa os palácios da Lapa e de S. Vicente: cor-de-rosa os muros das velhas quintas de Benfica e do Lumiar; cor-de-rosa as perspectivas de S. Pedro d'Alcântara e da Senhora do Monte. Depois uma onda de amarelo alastrou pela cidade e, como camaleão, Lisboa mudou de cor.

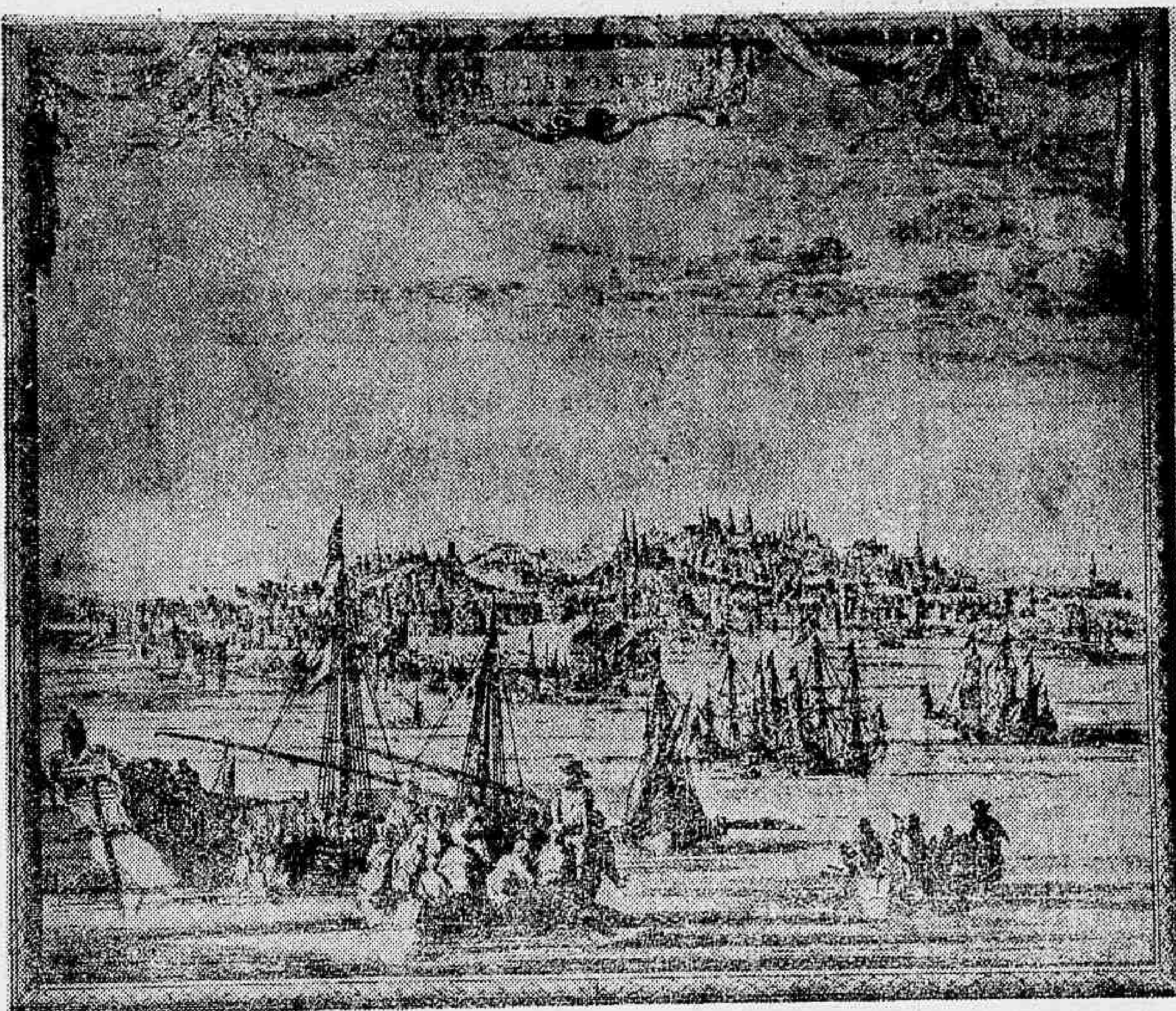
Eu sei — já me explicaram — que o amarelo é a velha cor pombalina e que o Rossio, desde que o pintaram de amarelo, tem mais caráter, mais sabor da época. Terá... Mas quem não se lembra com saudades do romântico, ingênuo, pueril cor-de-rosa de há vinte e tantos anos?

As árvores de Lisboa começam a parecer-se com as árvores de todo o mundo. E' frequente ver-se, hoje, uma bela árvore com tôdas as suas flores e tôdas as suas folhas. Mas lembram-se — não é verdade? — as árvores de Lisboa davam flor alguns dias, folhas algumas semanas e troncos nús o resto do ano. Um escritor francês que por cá passou, escreveu, ao regressar a França: — "O português detesta as árvores e este ódio é uma reminiscência da dominação árabe..."

O árabe, com efeito, diz: — "Cada árvore é um inimigo, porque por detrás de cada árvore pode esconder-se um inimigo". Mas, agora que oito séculos passaram e a primavera chegou, as árvores de Lisboa têm, finalmente, o seu lugar ao sol. Olaias da Ajuda, acácias da Avenida, tílias do Camões — que culpa tinham vocês, coitadas, de que os Arabes, há séculos, tivessem armado as tendas na Península?

Nas grandes capitais, as casas dentro de cada rua, procuram ter o máximo de unidade. Mas em Lisbôa, isso sim! — cada casa tem o seu carater, a sua fisionomia, a sua beleza, a sua miséria. E' frequente ver-se na mesma rua um palácio brasonado, um tugúrio em ruinas, um prédio catita a cheirar a volfrâmio e, pelo menos, uma daquelas tranquilas casas provincianas, com nesperciras nas janelas, onde moram velhas senhoras solteiras, que só saem ao domingo, para ir à Missa.

Lisbôa é a cidade dos gatos, como Constantinopla era a cidade dos cães. Os turcos mandaram os cães para uma ilha e deixaram-nos morrer de fome..



Lisboa numa gravura do Século XVII





Os alfacinhas não matam os gatos: dão-lhes espinhas embrulhadas em jornais.

Lisbôa, dantes, tinha uma péssima reputação. Todos lhe atiravam pedras: — "E' desmaselada, é suja, é desordeira, atira com o dinheiro pela janela a fora!" E se alguem, para defender, falava no Tejo e nas gaivotas, no Rossio e no Terreiro do Paço, no sol e nas varinas, a resposta não se fazia esperar: — "Sim, sim, enfeites não lhe faltam; mas, se formos a ver, não tem camisa.." Hoje, graças a Deus, Lisboa tem um rico bragal — um bragal que começou a tecer, há oito séculos, com o fio de oiro do sol nacional.

Os pés das varinas são peixes que fugiram das redes. Nas rendas humildes das suas saias há sal e espuma; nos seus olhos, águas mortas e marés vivas. Valery Larbaud chamou-lhes: — "les filles d'Europe les plus droites". Pegam nas canastras e erguem-nas como bandeiras. Não andam, dançam. São, com os seus pregões, as cigarras de Lisboa.

E as outras, as ricas? Olhai-as... Alí vão, importantes e gordas, as peixeiras dos hoteis,

(Conclui na 2.ª pág.)



PANORAMA LITERÁRIO

Joyce tenor e dono de cinema

Pouca gente saberá, de certo, que Joyce teve uma mocidade agitada, em que sofreu, por vezes, privações. Quando já se ensaiava como escritor, tentou estudar canto, pois possuía excelente voz de tenor. Mais tarde, em 1912, ante as premências financeiras, tentou explorar um cinema, empresa em que também fracassou.

O destino lhe reservava um êxito de outra natureza, com o qual ele, talvez, não contasse.

Romances de políticos e sôbre políticos

Vê-se que a política tem inspirado, últimamente, os nossos ficcionistas, enquanto políticos se tornam ficcionistas, utilizando em romance a experiência própria. Eis os livros que se anunciam nesse terreno: "O deputado Santos Lima", de Amando Fontes; "Timóteo", de Ciro dos Anjos"; "Esperidião", de Benedito Valadares e "O funcionário Quintanilha", de Cirilo Júnior.

A prisão de um escritor e o romance policial

Henri Berand, o escritor francês que depois de haver sido condenado à morte, teve a sua pena reduzida a alguns anos de prisão e deixou, há pouco, o cárcere, na verdade bem doente, iniciará, breve, a publicação de uma série de romances policiais subordinados ao título geral de "Les enquêtes de l'inspecteur Chabrol".

Como se vê, a prisão devia ter exercido certa influência no espírito de Berand que antes nunca imaginara abordar o gênero.

"Histórias da Floresta"

A mata é um tema excelente para divertir a garotada, como ainda uma vez se comprova neste livro apresentado pela Melhoramentos, "Histórias da Floresta", de Ernani Donato.

Coincidência entre Morgan e João Gaspar Simões

Charles Morgan, que passou as férias este ano na Itália, retornará breve a Londres, permanecendo alguns dias de passagem em Paris. Seu último livro, cujo aparecimento se anuncia para muito breve é um ensaio intitulado "A liberdade do Espírito". Sendo de notar a coincidência de já possuir o mesmo título um volume de ensaios e crítica literária lançado por João Gaspar Simões, em Portugal, em 1948.

Curiosidades Literárias

Livros esquisitos

Na sua interessante obra "Os livros nossos amigos", Eduardo Frieiro cita os títulos de vários livros extravagantes, mostrando de que assuntos disparatados se ocupa, às vezes, a inteligência humana. Vejamos, por curiosidade, estas duas obras em francês: "A arte de assoar o nariz" (1805) e "A arte de jantar em sua casa e nunca jantar em casa dos outros" (1837).

"Sei lá quem sou!"

Antero de Quental visitava um dia no Algarve seu amigo João de Deus. Chegando já à noite, batera à porta. Assoma a criada de João de Deus e pergunta:
— "Quem é?" "— Sei lá quem sou!" — respondeu Antero.

Este "sei lá quem sou!" pronunciado na treva, em frente da casa de um poeta — diz Moreira das Neves — é a exata definição da tragédia anteriana.

O destino e o carater da eloquência

Uma passagem de Plutarco define muito bem o destino e o carater da eloquência. Conta ele que Lisias escrevera um discurso de defesa para um homem que ia ser julgado pelos tribunais de Atenas. O interessado, devendo recitar a oração, teve de lê-la e relê-la, inúmeras vezes, para guardá-la de memória. Depois do que declarou a Fidias: "Fiquei maravilhado com o discurso na primeira vez que o li; gostei menos na segunda, menos ainda na terceira e agora me parece que não vale nada.

—Meu amigo — volveu Lisias — esqueces, completamente, de que os juizes não deverão ouvir o discurso senão uma vez.

Tradutor, traidor

Jean Aubry, o escritor francês, falecido há alguns meses, amigo de Conrad, de quem traduziu vários volumes, costumava justificar a mediocridade da maior parte das traduções pelo fato de não serem elas bem pagas.

— "Traduttore, traditore" — dizia ele, com humor. E' possivel. Mas é porque não nos dão pelas nossas "traições" mais do que os trinta dinheiros que Judas recebeu.

Romancistas que começaram tarde

Não se desanimem os que na maturidade ainda não lograram realizar os projetos literários que acariciam. Daniel Defoe começou a escrever romances depois dos cinquenta anos e sabemos da celebridade que veio a adquirir no gênero; o americano Sherwood Anderson e Joseph Conrad iniciaram a carreira de romancista aos quarenta anos; e George Elliot também enveredou por esse caminho aos trinta e oito bem contados.

Aguardando o final do drama

Eugêne O'Neill, o grande dramaturgo norte-americano, presa de uma moléstia impiedosa e incuravel está, como se sabe, paralitico. Não pode nem mesmo mais escrever. E são dêle estas palavras sombrias, pronunciadas ultimamente.

"— As três pancadas do último ato já soaram. Não resta mais que esperar a queda do pano..." E declarou isso com uma serenidade cheia de resignação.

Folclore para crianças

Dos filões formidáveis de nosso folclore Antônio de Padua Morse extraiu, para as crianças, um livro delicioso, "Quem contou foi o mindinho", trabalho das Edições Melhoramentos.

Opinião de Agripino Grieco sôbre Breno Accioly

O crítico Agrippino Grieco, em carta enviada ao contista Breno Accioly, colaborador dêste suplemento, assim se manifestou em relação aos seus contos:

"Raros estreantes me dão como você a impressão integral, absoluta. Isso chega a ser aterrador. Como obteve um ficcionista assim tão jovem o domínio dos mil aspectos da vida trágica e obteve, passando quase sem aprendizagem a mestre, essa capacidade de ler a escrita encoberta das almas? Não fôra a muralha do idioma, ou nascesse você em pais de maior civilização intelectual, e logo o seu nome, seus livros se derramariam por leitores de muitas línguas. De qualquer modo, já se tornou o autor de "João Urso" e dos "Cogumelos" um dos grandes espíritos do Brasil, e figura mesmo entre os maiores para o admirador veemente, que é o velho — AGRIPINO GRIECO"

A sedução do desenho

Para os olhos, poucos livros haverá que vençam, em beleza e graça, "A floresta adormecida", que Naoma Zimmerman escreveu e ilustrou com Joe Tillotson, Jucy Neiva traduziu e a Melhoramentos publicou.

E' a história dum patinho; pequenas legendas e maravilhosas gravuras coloridas.

Próximas edições

Anuncia-se para breve o aparecimento da 3.ª edição do "Fausto", de Renato Almeida, livro que teve grande repercussão quando publicado pela primeira vez em 1919.

* * *

Nas edições Condé, Tiago de Melo publicará um livro de versos: "Palavras e Silêncio".

* * *

Até Dezembro próximo deverá aparecer nas edições Cruzeiro o livro "O Romance Brasileiro", cuja revisão e organização estão a cargo de Aurélio Buarque de Holanda e Herberto Sales, respectivamente.

O filho da Aguia

Com prefácio de Ary de Mesquita, e em tradução de Gilberto Bacellar, acaba de aparecer a edição brasileira de "L'Aiglon", "O Filho da Aguia", drama em verso de Edmond Rostand.

"Frente Econômico Iberoamericano"

E' êsse o título de um folheto editado em La Paz, da autoria do Sr. Juan Isidro Ramirez, atual Embaixador do Paraguai na Bolivia. E' uma nova contribuição ao panamericanismo, abordando temas atuais do momento politico internacional. O autor conclama todos os países americanos a se unirem em torno de princípios sadios. Tece comentários em tôrno da Doutrina Monroe, comenta o Ponto IV, tão discutido, e afirma que nenhuma Nação se pode alarmar com o desenvolvimento das zonas da Africa, Asia e América Latina, preconizado pela ONU.

O 150.° aniversário da Biblioteca do Congresso de Washington

A Academia Carioca de Letras, no desenvolvimento de sua política cultural com os povos americanos, organizou para o mês corrente uma sessão especial e pública, comemorativa do 150.° aniversário da fundação da Biblioteca do Congresso de Washington, coincidindo essa comemoração com o coloquio internacional de Estudos Luso-Brasileiros promovido pela centenária instituição.

Carlito e Caruso

Em Hollywood, num banquete que ofereceu no dia do seu aniversário, Carlito divertia os convidados, imitando pessoas que todos conheciam: atores, atrizes, crianças, o próprio chofer, seus criados, suas secretarias. Por fim, cantou em falsete uma aria italiana com absoluta perfeição. Alguém exclamou: — "Ora Carlito, não sabiamos que você cantava tão bem". E Chaplin respondeu: — "Mas eu não sei mesmo cantar... estava imitando Caruso".

COMO SILVIO [illegible]OMERO SE RECONCILIOU CO[illegible] LUIS DELFINO

Em 1892 foi apresentado no Congresso Federal um projeto concedendo uma pensão a viuva e filhos de Tobias Barreto, que haviam ficado em precária situação financeira com a morte do grande brasileiro O projeto — informa-nos Carlos Pontes — foi instruido por Silvio Romero e a comissão de finanças do Senado, em parecer subscrito por Amaro Cavalcanti Saldanha Marinho Cunha Junior, Monteiro de Barros e Domingos Vicente opinou favoravelmente. Ao entrar, porém, em segunda discussão, teve a combatê-lo um senador por Sergipe, Rosa Junior e para defendê-lo um senador pelo Piauí, Eliseu Martins.

Na terceira discussão sôbre a tribuna o poeta Luiz Delfino, então senador pelo Estado de Santa Catarina, que profere eloquente discurso em apoio a iniciativa. Começa logo por considerar depreciativamente a oposição de Rosa Junior que, "se tivesse de vencer, essa vitória constituiria para a

S[illegible]omero

República [illegible]ime e para a liberdade [illegible]traição. Passa a exaltar [illegible] dizendo: "A influência [illegible]izadora de um homem qu[illegible]dianta aos outros homem[illegible]o é passivel a ninguém c[illegible], não é possivel antev[illegible]depois, repelindo os pro[illegible] do senador

sergipano para quem os trezentos mil reis mensais destinados à familia de Tobias Barreto iriam pesar nos cofres publicos, argumenta: "maior do que o dever de combater as despesas é o de fomentar a riqueza social. E essa riqueza subsistindo no espirito de Tobias que não morreu, merece todo apoio".

O eloquente discurso de Luiz Delfino contribuiu, de certo poderosamente para a aprovação do projeto, sancionado a 16 de julho do referido ano. Carlos Pontes, em quem respigamos estes dados, alude ao fato de Silvio Romero, o grande amigo cultor da memória de Tobias, haver atacado rude e injustamente Luiz Delfino em livro publicado antes. A atitude do poeta de "Solennia Verka", declarando-se ardente defensor de Tobias teria concorrido para que Silvio — um instrutivo e um sentimental — acabasse por elogiar entusiasticamente Delfino no "Livro do Centenário", editado em 1900.

Conferências sobre o autor do "Simples"

O Instituto de Estudos Portugueses Afranio Peix[oto] está comemorando o centenário de Guerra Junqueiro c[om] conferências realizadas semanalmente no salão do Liceu [Li]terário Português. A palestra de segunda-feira ultima [foi] pronunciada por Afonso Lopes de Almeida.

Intercambio cultural

Interessados em estabelecer contacto com o Instit[uto] Ibero Americano da Universidade de Hamburgo, por s[uas] pesquisas e pelas contribuições para a literatura ibero-a[me]ricana reuniram-se num pequeno grupo de estudos com [o] plano de fundar a Sociedade dos Amigos do Instituto Ibe[ro] Americano, da Universidade de Hamburgo. A Sociedade [não] terá fins comerciais, senoo seus objetivos essencialme[nte] culturais.

Livros só para crianças

Apesar das restrições editoriais, a editora "Melho[ra]mentos" continua a dedicar o melhor de suas atividades [a] um trabalho meritório — o lançamento de edições inf[an]tis. Autores nacionais e estrangeiros são semanalmente a[pre]sentados, em livros que testemunham um grande apuro [grá]fico, e traduzem por outro lado uma rigorosa seleção l[ite]rária.

Ultimas Edições

Acaba de aparecer, na Coleção Saraiva, o romance de Barby D'Aurevilly, "Os Conspiradores".

A Editora "Jornal dos Livros" vem de lançar o trabalho de Adolfo Caminha, intitulado "A Normalista".

"Terror na Noite" é o título do romance de Lindsay Gresham, que agora surge integrando a Coleção Mistério - Terror - Aventura.

Na nova coleção inaugurada pela Editora Saraiva, de São Paulo, e denominada de "Cântico dos Cânticos", o poeta Jamil Almandur Haddad acaba de publicar uma tradução do "Cântico dos Cânticos", de Salomão. O trabalho, apresentando a originalidade de haver sido transposto para a forma dramática, é uma obra feliz de recriação artística.

Editado em Recife apareceu o livro "Castro Alves, amor e revolução", do estudante e jornalista José Gonçalves de Medeiros, edição particular de um trabalho com que o autor concorreu a um concurso da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife.

Ilustração para "O Corvo [illegible]os poemas", de Edgar Allan Poe — [illegible]ND DULAC

Olhos negros ou azuis?

No último volume do seu "Journal" (1942-1949), André Gide, divertindo-se em apontar vários erros inconsequentes em certos escritores, descobre esta distração na "Comédia Humana", de Balzac. Trata-se dos "belos olhos azuis" de Savinien de Portenduère, que, duas páginas adiante, Balzac classifica como "belos olhos negros".

Próximas edições

Anuncia a Editôra A Noite o próximo lançamento de vários livros de alto interêsse para os leitores brasileiros. Entre esses, citam-se: "Etzel Andergast", do famoso romancista Jacob Wassermann, em tradução de Octavio de Faria e "Guerra dentro do Beco", de Jorge de Lima.

Epopéia e romance

Juntam-se, na obra-prima de Dumas, o romance e a epopéia; e Mário Donato fez bela adaptação, que a Melhoramentos editou em elegante volume ilustrado, "Os três mosqueteiros", para a adolescência.

Jornal de Letras

Com farta e variada colaboração, já está circulando o n. 16 de "Jornal de Letras", o vitorioso mensário dirigido pelos irmãos Condé. Embora não tenha faltado quem prognosticasse para "Jornal de Letras" o mesmo destino de nossas revistas literárias, que via de regra não vão além do quarto número, "Jornal de Letras" indiscutivelmente se firmou em nossos meios literários como uma revista cuja falta, aliás, já se fazia sentir.

Do sumário da edição que ora se encontra nas bancas, destacamos: uma sensacional entrevista do romancista Cornélio Penna, onde o autor de "Repouso", esclarecendo antiga declaração feita num 'flash" a João Condé, dá as razões por que detesta a poesia e os literatos; artigos originais de Eugênio Gomes, Jorge de Lima, Euryalo Cannabrava e Silvio Neves; reportagem de Herman Lima sôbre J. Carlos. E as matérias que "Jornal de Letras" habitualmente publica. "O romancista fala do seu personagem" (José Geraldo Vieira); "Biografia dos Livros" ("Mundos Mortos", de Otávio de Faria); "Revista dos Livros", rodapé de critica de Rosário Fusco; "Vida dos Livros", de Tulo Hostilio Montenegro, etc.

Registra também "Jornal de Letras" várias opiniões de escritores sôbre o grande concurso instituido por êsse mensário, para seleção do melhor livro de poesias e do melhor volume de ficção de autor da província, aparecidos em 1950, aos quais, como tem sido amplamente noticiado, serão conferidos, respectivamente, os prêmios "Manuel Bandeira" e "Mário Sette", ambos no valor de dez mil cruzeiros.

Premio de concurso literário

Em 1948 as Edições Melhoramentos realizaram um Concurso para a escôlha de livros de literatura infantil. Um dos premiados foi este, de Guiomar Rocha Rinaldi, "Quando os taquarais florescem", tão simples e tão atraente. O volume é ilustrado por J. G. Villin.

Verduras e livros

O velho Castillo, uma das figuras mais populares do ambiente livreiro do Rio, esteve últimamente de férias. E em conversa com um amigo dizia:

— Aproveitei a folga para tratar da minha horta que estava muito abandonada. Você sabe o que é o costume, eu estou habituado desde criança a lidar com livros. E a alface, a couve, o repôlho também têm folhas... Eu conservava a impressão de não me afastar do meu "metier".

Um mágico da língua alemã

O romancista alemão Ernst Wiechert, cujo falecimento noticiamos aqui no número passado não era bem visto pelo nazismo, tendo estado, durante muito tempo, proibido de sair da Alemanha.

O dr. Goebbels disse um dia, a seu respeito: "Wiechert é o maior mágico da lingua alemã. Mas infelizmente a emprega contra nós, mesmo quando se conserva calado..."

Viajantes

Partiu há cerca de uma semana para o norte do país o sr. Renato Almeida, chefe do Serviço de Informações do Ministério do Exterior que vai entender-se com os governos de diversos Estados sobre medidas relativas à fiscalização de expedições cientificas naquela região do Brasil.

Depois de uma permanência de mais de dois meses, no Rio regressou a Recife o escritor Olivio Montenegro.

A história de um romance inédito de Bernanos

O magazine "La Gazette des Lettres" divulga a seguinte versão sobre um romance de Bernanos que será publicado pròximamente na revista "La Table Ronde". Para ganhar algum dinheiro, George Bernanos decidira-se a escrever romances policiais, que deveriam aparecer sob pseudônimos. Pôs ele mãos à obra, mas ao chegar à segunda parte do romance, deixando de lado a intriga pròpriamente dita, pôs-se a traçar um retrato da assassina que se prolongou por 150 páginas, fazendo intervir novos personagens, e acabando por abandonar o gênero policial e escrever um típico romance bernanosiano. Refez, então, a segunda parte e publicou-a sob o titulo, "Un crime". Depois, retomando a segunda parte inutilizada ajuntou-lhe novos capítulos, formando um novo romance "Un mauvais rêve", o qual vai aparecer em "La Table Ronde", sob os cuidados de Albert Beguin.

Valery contra a História

Paul Valery afetava detestar a História, mas como, grande poeta, era por vezes insincero nos seus pontos de vista críticos, não sabemos até onde essa ojeriza exprimia o verdadeiro sentir do autor de "La Jeune parque".

A história — escrevia ele — é o produto mais perigoso que a quimica intelectual já elaborou. Suas propriedade são bem conhecidas: faz sonhar, embriaga os povos, engendra-lhes falsas lembranças, exagera-lhes os reflexos, entretem-lhe as velhas feridas, condú-los ao delírio de grandezas ou ao de perseguições e torna as nações amargas, insuportáveis e vãs".

Richard Wright e Sinclair Lewis atores

Richard Wright desempenhou um dos papéis da adaptação cinematográfica do seu romance "O Filho Nativo", sob a direção de Pierre Chenal. "— Já andava farto de escrever — disse ele — e foi muito divertido para mim mudar de atividade". Enquanto isso, também se noticia que Sinclair Lewis representou na América uma peça extraida do seu romance "It can't happen here", fato que causou, naturalmente, muita sensação.

Suicídio de um escritor italiano

O escritor italiano Cesare Pavese, que foi uma das mais autênticas revelações de post-querra na peninsula, suicidou-se há pouco, num hotel de Turim, por motivos ignorados. Pavese traduzira para o italiano vários escritores norte-americanos, como John dos Passos, Merville e era, além de romancista ensaista de mérito. Seu último livro de ensaios críticos denomina-se "Diálogo com Leucos".

Quem é Marc Allegret

Os que lêem e relêem o diário de Gide têm visto muitas vezes referências a uma pessoa de nome Marc Allegret. Quem será esse individuo que certamente se tornará sempre lembrado através das alusões do grande escritor. E' um cineasta nascido na Suiça, devendo contar hoje 50 anos. Dirigiu alguns filmes notáveis, como "Lac aux dames" e "Fanny", este último extraido da peça de Marcel Pagnol. E descobriu alguns jovens talentos entre os quais a estrela Simone Simon. Grande amigo de Gide, acompanhou este ao Congo, em 1926, fazendo igualmente um filme natural sobre essa excursão

O romancista telurico

Numa destas tardes o festejado romancista José Lins do Rego chegou excessivamente alegre e expansivo à porta de uma de nossas livrarias, distribuindo piparotes. E o Atilio Milano cautelosamente afastou-se, dizendo para um dos presentes:

— Você sabe, o Zé Lins é um espírito telúrico e expansões da terra são raios e trovões.

Correio de Paris

Que pensa o senhor das férias?

Interrogado sobre o que pensava das férias, Emile Henriot respondeu: "As férias consistem para mim em trabalhar em outra parte, quer dizer, em qualquer lugar, onde se possa trabalhar tranquilamente".

Idêntica resposta a de Jean Cocteau: "Minhas férias são o trabalho. Não trabalhar, mata-me de fadiga. Quando uma espécie de trabalho me causa, substituo-o logo por outro.

A correspondência de Huysmans só será publicada, depois que a Sociedade J. K. Huynsmans, sob a presidência de Maurice Garçon examiná-la toda e puser o seu "hihil obstat", sempre que a publicação não incidir no risco de denegrir a memória do autor de "Soeurs Vautard".

A abertura da estação teatral

A bela peça de Jean Anouilh "Antigone" marcou a abertura da estação teatral. Subiu ela à cena no "Atelier" pela primeira vez nesta temporada, a 18 de setembro.

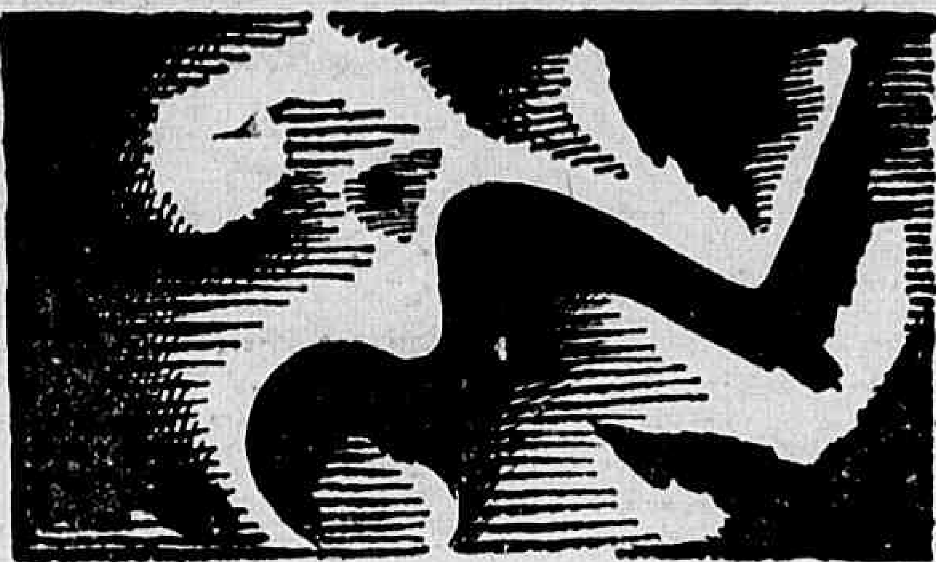
As Memórias de Edmond Jaloux

Sob o título "Les Saisons Litteraires" aparecerá pròximamente nas edições Plon o segundo volume das memórias de Edmond Jaloux. Conta ele aí o que foram os seus primeiros anos de Paris, vindo da Provença e seus encontros com os principais escritores da época.

A revista parisiense "L'Aube" publica cifras extraídas da "Bibliographie de la France", por onde se pode ver que em 1850 apareceram no mercado editorial francês 7.318 obras diferentes. No ano passado o número foi de 12.526, quer dizer, o dobro do que se publicava há cem anos atrás.

Continua a ser organizada morosamente a novo edição do dicionário da Academia Francesa. Como se sabe, sua primeira edição foi publicada em 1694 e a oitava em 1935. E' a nona edição que ocupa agora os imortais franceses, e se ela demorar tanto para sair, como aconteceu com a anterior, não será dada ao público antes de 1992.

— Esperemos pelo ano 2000 — disse Jules Romains.



A VIAGEM

A NOITE VOAVA
VOAVAM AS ESTRELAS
O BARCO OSCILAVA.

OS MASTROS GEMIAM
A NOITE GEMIA
O BOJO DO NAVIO PARECIA TODO ÊLE ESTALAR.

ERA O MAR, ERA O VENTO, ERA O CÉU,
ERAM SINAIS CERTOS DA TORMENTA QUE SE APROXIMAVA.

O NAVIO, MONSTRO SOMBRIO, MERGULHAVA FUNDO
PARA DEPOIS, A CUSTO, LEVANTAR-SE.

A NOITE VOAVA
VOAVAM AS ESTRELAS
O MEU PENSAMENTO VOAVA.

O MARINHEIRO INTRÉPIDO
SOZINHO
COMANDAVA.

O AR RESOLUTO
A CAMISA ABERTA
OS LARGOS OLHOS CLAROS COMO DOIS FAROIS
FIXADOS SÔBRE O DORSO REVOLTO E EM ESPUMA
DO MAR. A MÃO FIRME, NO LEME...

O VENTO QUE RUGIA A SUA FACE E OS CABELOS
ACARICIAVA...
ERA NOITE FECHADA
AO ALTO: AS ESTRELAS VOAVAM.

AH! ÊSSE VENTO FRIO E FORTE DA NOITE, ÊSSE VENTO [NORTE...

ÊSSE VENTO QUE TORNA VERTIGINOSO O MARULHAR DAS VAGAS...

A CARREIRA DO BARCO VENCENDO AS MILHAS COMO UM [FOGO DE BARRAGEM...
A TERRA QUE SE APROXIMA E JA' UM COMEÇO DE SAUDADE [DO MAR
E DAS ONDAS QUE CRESCEM VIOLENTAMENTE PELA [AMURADA.

DEPOIS DA LONGA E ATORMENTADA TRAVESSIA
E DE NOVO, O QUE AINDA NA VÉSPERA PARECIA UM SONHO:
O PORTO, E COMO UM SINAL DE DEUS A LUZ DO FAROL [TREMULANDO À DISTANCIA
E DEPOIS AS LUZES AINDA MAIS TREMULANTES DA CIDADE.

E JA' AGORA UMA GRANDE PAZ QUE ÊLE SABIA SER UMA [ESPERANÇA.

....

QUE A SUA EMBARCAÇÃO SEJA FRAJIL POUCO IMPORTA:
O MAR ÀS VEZES TAMBEM SABE SER AMIGO.

....

O MARINHEIRO, INTRÉPIDO JA' AVISTA O PORTO:
ÊLE JA' NÃO E' MAIS UM NAVEGADOR SOLITÁRIO!
O MAR E O AMOR
E O PORTO.

TOMÁS SEIXAS

CHAPEU DE CÔCO

(Para JOÃO CONDÉ)

Conto de SALDANHA COELHO

PENSEI que fôsse um mendigo, dêsses que percorrem as ruas e os edifícios na esperança de uma esmola, e fingi que não o estava vendo alí à entrada da sala, mudo, à espera que lhe desse atenção. Êle examinava tudo, olhando os móveis, os embrulhos de livros empilhados na mesa, as paredes vazias. Vestia um brim grosso. lembrando êsses homens corpulentos que carregam e descarregam navios, seu rosto era queimado, parecendo a sombra do chapéu de côco preto, e nos seus pés largos prendiam-se sapatos de pano amarrados por cordões grosseiros. Dava a impressão de um louco manso, vestido naquela blusa igual a uma camisa de fôrça, pelo brilho que lhe acendia os olhos sempre inquietos e vivos como olhos de rato, e se mantinha parado no limiar da porta, indiferente ao meu pouco caso, distante e surdo às batidas da máquina, como se estivesse certo de que eu acabaria rompendo seu silêncio desprezado.

— O senhor deseja alguma coisa? — perguntei para me ver livre dêle.

Chapéu de Côco entrou então na sala e pediu que eu lhe vendesse cinquenta jornais. Pagaria adiantado, disse, e depois viria buscá-los. Achei estranho que se interessasse por um jornal literário e quis saber para que êle os queria comprar.

— Eu vou vender no subúrbio. Se der certo, apareço e levo mais.

Não acreditei no seu sucesso, sabia que jornais dêsse gênero não são vendidos assim, como um jornal diário, mas, afinal, desde que êle os comprava à vista, resolvi vendê-los e lhe entreguei dois pacotes de vinte e cinco. Chapéu de Côco levou um e pediu-me para guardar o outro durante alguns dias.

Avaliei o seu prejuizo, o tempo e o dinheiro que êle ia perder, anunciando um jornal de letras que ninguém compraria, e o imaginei numa esquina ao lado dos jornais espalhados no chão, animado pela esperança de vender tudo, dando gritos, sacudindo nas mãos exemplares que pareciam querer entregar-se de qualquer maneira àquela gente, olhando-o de passagem, indiferente ao jornal, rindo do seu chapéu de côco. Depois mudar de idéia, agarrar-se ao balaústre dos bondes, sair andando atrás de cada um, correr os bairros e as casas e parar outra vez numa esquina, frustrado. O dia seria assim, sua voz repetindo um estribilho monótono, êle suportando aquêle descaso com a mesma paciência com que esperou por mim, em pé, na porta. A solidão aumentaria com a noite, aos poucos iriam escasseando na rua os que o poderiam ouvir, e Chapéu de Côco, acreditando num êxito no dia seguinte, ia carregar o pacote para casa ou ficar alí, teimoso na sua ignorância, vendo a noite passar numa solidão e numa insistência de estátua.

★

Cheguei à redação e êle já estava lá, encostado em frente ao elevador. Sem dar tempo de eu perguntar porque me procurava tão cêdo, pediu que lhe entregasse o resto dos jornais, com a mesma frieza da outra vez.

— Vendeu os outros? — indaguei à-toa, pondo-o à vontade. Chapéu de Côco disse que sim e foi entrando comigo, sem nenhum constrangimento. Arrependeu-se de não ter levado os dois pacotes, tal a facilidade com que se esgotou o primeiro, e pediu para lhe reservar outro tanto, fazendo questão de pagar adiantado. Sua revelação me surpreendeu, desfêz inteiramente a hipótese de que o jornal ficaria encalhado, sem público, envelhecendo num desprêzo sempre maior a cada nova manhã que Chapéu de Côco insistisse em anunciá-lo nas esquinas.

Vendia-os de madrugada — contou — percorrendo a gare e os trens com seu corpo enorme quase caindo, indeciso no ritmo dos vagões em movimento, e olhava com descaso os que lhe compravam um exemplar, com repugnância os que permaneciam dormindo nos bancos, alheios à sua figura estranha e grande jogando no embalo dos carros, passando entre êles com a lentidão e a tristeza de um entêrro. Assim esgotava suas horas, assim podia suportar as madrugadas que tanto lhe pareciam fazer mal a ponto de imprimirem no seu rosto aquêlas marcas de insônia, aquêla palidez que parece brotar de uns nervos acostumados à dor.

★

Chapéu de Côco apareceu na redação muitas vêzes, para comprar as novas edições ou, se estas não haviam saído, para levar números atrasados. Com o tempo perdeu a cerimônia e entrava diretamente no assunto, mesmo se fôsse preciso interromper alguma conversa.

— Vim buscar mais; o negócio está dando — e sorria de leve, um sorriso que não se completava, que lembra um gesto contido.

Sua frequência regular e os renovados pedidos de jornal aumentaram minha curiosidade, embora essa curiosidade se prendesse mais a êle, ao mistério que envolvia sua figura grotesca, do que à maneira dêle vender os jornais. O consumo de Chapéu de Côco era quase idêntico ao de tôdas as bancas do centro da cidade e sua explicação de que nos trens do subúrbio muita gente comprava o jornal para passar a viagem, devia ser para mim uma prova de que êle falava a verdade. No entanto, não sei que pressentimento, que sugestão de seu corpo abrutalhado e ridículo naquele chapéu de côco preto me fizeram desconfiar de seu êxito. O certo seria eu não lhe dar nenhuma importância e, ao contrário, estimulá-lo a vender cada vez mais, a aumentar cada vez mais o lucro do nosso jornal de letras; mas o impulso de acompanhar-lhe os passos foi tão forte, nasceu em mim de um modo tão imperativo, que logo depois que o ouvi entrar no elevador que descia, escolhi uma de suas próximas visitas para seguí-lo, espreitá-lo de longe, como a alguém que se quer surpreeender.

Nesse dia, pouco antes de sair, Chapéu de Côco me pediu que arranjasse outros periódicos literários para êle vender.

— No subúrbio, o pessoal gosta muito de jornais assim — acrescentou, dando aquêlas costas, onde a gola da blusa caia como que do alto de um muro.

★

Permaneci indeciso, sem saber se devia ou não bater-lhe à porta. Descia e subia a rua, passava diante daquêle jardim devassado, de algumas flôres que as trepadeiras de parasita não haviam destruido ainda, sem nenhuma coragem de entrar na sua casa, onde a única presença de vida parecia ser uma lampada acêsa, que se refletia pelas vidraças. Supus que Chapéu de Côco não fôsse vender jornais, porque conservou-os embrulhados desde a redação até em casa mas também me ocorreu que êle podia estar esperando para viajar de madrugada nos trens de subúrbio, e neste caso eu teria que esperá-lo algumas horas mais. Resolvi então ir procurá-lo, sob o pretexto de por uma coincidência tê-lo visto entrar em casa.

Depois de bater palmas com insistência à sua porta, sem que viessem me atender, torci o trinco devagar e de minha posição só pude ver um armário que se perdia nos limites da pequena fresta por onde eu olhava. Aí empurrei mais, aumentando pouco a pouco o campo de visão...

Ele estava sentado no centro do comôdo e quando a porta se abriu, ficamos de frente um para o outro. Eu meio confuso, encarando aquêles olhos parados que eram um convite e uma ameaça, e Chapéu de Côco, dando a impressão de que nada o perturbava naquele quarto cheio de jornais e revistas amontoados pelas paredes, naquele quarto onde os números do nosso jornal de letras estavam empilhados e cobertos de pó, inclusive os primeiros dois pacotes de vinte e cinco, que êle disse ter esgotado em duas horas.

— Como vai? — perguntei, esquecido de justificar porque estava alí, em pé, no limiar de sua porta.

Chapéu de Côco não respondeu e continuou a me olhar, talvez me desprezando mais do que o desprezei no dia que o vi na redação, confundindo-o com um mendigo.

— E' tarde e naturalmente vai começar a vender os jornais agora — acrescentei, fingindo não ter notado nada.

Ele permaneceu impassivel, olhando-me, apenas.

Nem uma palavra, um movimento que indicasse a existência de uma vida dentro daquele brim grosso, azulado. Chapéu de Cocô ficou imóvel, imovel como se estivesse morto, enterrado no seu túmulo de jornais e revistas de arte. Em mim crescia um mal-estar, uma vontade de dar gritos que o tirassem daquele sono incômodo e sair, não suportá-lo mais. O ser desprezível que foi Chapéu de Côco, pareceu agora um monstro poderoso que me subjugava, tolhia-me os gestos com a fôrça que se desprendia dos seus olhos fixos, paralisando meus movimentos como que por asfixia lenta e permanente. Não me lembro o tempo que estive sob seu domínio, sem vontade ao menos de dizer outra qualquer frase solta, desconexa; só lembro que quando já estava fóra de sua casa, bem de longe olhei-a e vi Chapéu de Côco à janela, seguindo-me com os olhos.

★

Chapéu de Côco desapareceu, não nos procurou nunca mais para comprar o jornal. O porteiro do edifício me falou de um homem mal vestido que esteve muito tempo esperando por mim no corredor do 10.° andar. Mas não deve ter sido êle, como também não foi êle que vi parado na esquina, alto e corpo pesado numa roupa de marinheiro da faxina. O homem se parecia com êle, assim de costas, mas quando olhei de relance vi que seu rosto era um rosto vulgar, não era como o rosto de Chapéu de Côco, onde um brilho lhe acendia os olhos sempre inquietos e vivos como olhos de rato.

Daniel Halevy e Henri Massis falam a "Letras e Artes"

"SARTRE PARECE-SE EXTRAORDINARIAMENTE COM UM SAPO" — DIZ HALEVY". "GIDE QUIS SER UM PROFETA" — DIZ MASSIS

LOUIS WIZNITZER

PARIS — outubro — Via "Air France" — Mal havia eu começado minha palestra com o grande historiador e ensaista francês Daniel Halevy, no apartamento onde êle me recebia, e entrava no recinto um homem idoso, magro, de cabelos embranquecidos, emplastrados sôbre o crâneo, e colarinho duro. Era Henri Massis, nome muito conhecido no Brasil, o encarniçado inimigo de André Gide. Decididamente, eu estava de sorte. Isso é que se podia chamar matar dois coelhos numa cajadada.

A palestra entabolou-se assim entre nós três, e tão variada foi, tantos assuntos abordamos em réplicas vivas e alvoroçantes, uma reprodução da mesma.

Descoberta de Nietzsche

— Como veio o senhor a descobrir Nietzsche? — pergunto a Daniel Halevy.

— Conhece Louise Ride?

— Não...

— Ah! Nesse caso, como quer que eu lhe conte essa história? E Louise Michele, conhece-a?

— Também não — respondi, ainda uma vez com grande confusão.

— Oh! Esta mocidade!... — exclamou Havely Pois bem, Louise Ride era a Louise Michele das cartas, quando eu era jovem. Uma mulher muito moça ainda, cujo pai havia deixado morrer de fome um pensionista doente e pobre. Para se vingarem a esposa e a filha serviram-lhe as refeições durante vinte anos, sem lhe dirigirem a palavra. Louise Ride pasou daí a dedicar-se à proteção de escritores pobres. Dispensou seus cuidados a Barbey d'Aurevilly... de que o senhor, naturalmente, conhece... Pois bem, aludiam frequentemente ao nome de Wagner nessa família, e uma senhora alemã veio um dia falar-nos de Nietzsche. Nietzsche? Nunca ouvira eu êsse nome. Comecei a lê-lo e foi então um entusiasmo sem conta as primeiras traduções publicadas no "Banquete". Aí está, pois, o senhor suficientemente informado sôbre o assunto.

— E essa revista "Le Banquet", qual a sua origem?

—No liceu, eu fundara uma escola literária, a escola "subtilista" e uma revista "Subtilis" foi logo publicada. Proust e outros colegas meus nela colaboraram. As páginas eram verdes. Mas não fale disso em seu jornal, não tem nenhum interêsse.

Encontro com Peguy

— Como conheceu Peguy?

— Passando um dia na rua da Sorbonne subi num primeiro andar, na oficina de um editor, onde se imprimiam os "Cahiers de la Quinzaine". Não conhecia ainda Peguy. Lembro-me sempre dêsse primeiro encontro. O impressor hesitava ante um texto; Peguy aproximou-se e sem dizer uma palavra dispôs os tipos, as linhas, as margens e partiu, sem nada acrescentar. Era assim Peguy um homem de uma precisão, de uma inteligência, de uma seriedade exemplares. Lembro-me sempre de seu rosto, de cada um dos seus gestos. Que homem extraordinário! Tornamo-nos logo amigos e trabalhamos juntos durante longos anos na mais perfeita camaradagem.

A Terceira República

—Pensa em continuar seus estudos sôbre a Terceira República?

— Empreendi êsses estudos, porque meu pai me deixou um número incalculável de documentos e papéis secretos; mas não tenho nenhuma intenção de continuar o trabalho. O Estado caiu numa tal decadência, ha tão pouca coragem e virtude entre os políticos contemporâneos que fazer-lhes a crônica já não me interessa.

— Continua, entretanto, em outros setores, sua atividade?

—Claro. Terminei um volume sôbre Proudhon, mas acabo de ver que preciso mais cinco para dizer tudo que pretendo a respeito. Foi êle um homem tão grande, tão simples e tão inteligente diante da vida! E está hoje de tal maneira inatual!... Justamente por causa dessa inatualidade é que me atrái. Vou começar um ensaio em que traçarei uma linhagem de homens: Proudhon, Sorel, Peguy. No fundo, o senhor sabe, é a essa linhagem que me julgo pertencer.

Camus e Sartre

A palestra desviou-se, em seguida, para a literatura contemporânea.

— Que pensa de Camus?

— Dedico-lhe uma grande estima; é um homem profundamente honesto e seu silêncio nos últimos tempos indica o embaraço de um espírito empenhado em escrever realmente o que pensa e não sabendo como fazê-lo; merece respeito êsse silêncio.

— E Sartre?

— Um "normalien", possuindo certo talento de dialética, de fabricação de idéias, mas obsessionado pelo que é sujo, mórbido, repugnante. Seu aspecto físico é um sinal disso; Sartre parece-se extraordinàriamente com um sapo. Sua habilidade para explorar comercialmente o sucesso constitui indício da falta de elevação moral. Nos últimos trabalhos que escreveu sôbre Genet desmascarou-se inteiramente: é um sofista a procurar justificar dialèticamente a abjeção.

Massis intervém neste ponto, observando:

— Pode-se dizer que Sartre é uma espécie de obsesso de fixação; cristaliza boa parte de sua geração e é a esta que devemos lamentar mais do que a êle.

E Halevy continua:

— Aliás, tenho horror ao espírito "normalien"; essa habilidade, êsse niilismo de fundo. Hoje, os "agrégés" de filosofia constituem uma aristocracia, a mocidade os admira, são êles que fazem a lei.

Valores novos

— Mas quem o senhor me recomenda, então, entre os novos?

— Impossível deixar de nomear Raymond Abelléo, em primeiro lugar, um grande romancista, cheio de idéias, que afirma sem demonstrar. Seu último livro de pesquisa erudita "La Bible, document chiffré", é muito importante. Depois, citarei Simone Weil, cujos livros "La pesanteur de la grace" e "Le déracinement" logo se impuseram. Bem sabe das questões surgidas sôbre a publicação dêsses livros, após o desaparecimento da autora. Citarei mais Jules Mennerat, que juntamente com os dois escritores acima constitui, a meu ver, o triângulo mais notável do pensamento francês de pós-guerra.

— E Malraux?

— Um grande homem, um escritor que tem empenhado inteiramente a sua vida, preferindo deixar de ser um homem de letras para entregar-se à ação, ao combate. Mas nunca poderemos fugir a nós mesmos. E um jôgo de espelhos fará com que o escritor esteja sempre a ver a sua própria personalidade. Malraux levou, porém, seu esfôrço ao limite máximo da autenticidade. Seu apêgo a De Gaulle é incompreensível, mas sei que já começa a libertar-se do general.

Bernanos e o padre Bremond

Conversamos, em seguida, sôbre Maritain e Bernanos. E Massis interveio de novo:

— Para muitos estrangeiros — diz êle — a França é representada por Maritain. Mas eu pergunto por qual Maritain, porque êle evoluiu singularmente depois da guerra. Outrora, era muito amigo de Bernanos. Depois, cortaram relações; Bernanos não podia suportar a natureza de Maritain. Bernanos era uma espécie de louco, de gênio e de poeta. Fui um dos seus grandes amigos e pude saber o que representa termos Bernanos em nossa vida privada. Devo-lhe as minhas mais belas horas de amizade e os meus dramas mais sombrios. Durante a guerra houve uma tentativa de aproximação entre Maritain e Bernanos, mas desconfiavam um do outro.

— "L'Imposture" é um retrato do padre Bremond — diz Halevy.

— Não — protesta Massis — asseguro-lhe que não. Todo mundo acreditou nisso e daí resultou um drama terrível. Quando Bernanos escrevia "L'Imposture", numa cidadezinha dos Pireneus, eu estava ao seu lado e êle não me lia uma linha do trecho, eu ignorava tudo. Quando o livro estava no prelo, o padre Bremond dirigiu-se à casa editora que eu dirigia e disse-me que todo mundo lhe assegurava haver sido êle tratado com os traços mais negros por Bernanos, que lhe punha em dúvida, não sòmente a conduta como também a fé, o que êle não podia absolutamente tolerar. Como Bernanos não o conhecia, Bremond acusava-me de haver forçado Bernanos a pintar êsse personagem, a mando de Maurras, interessado num ataque à Igreja. O senhor pode imaginar o absurdo de semelhante acusação e a complicação em que me vi. Propus, então, a Bremond dar-lhe para ler as provas, permitindo-lhe corrigir os traços dêsse mau personagem que se assemelhava com êle. Bremond aceitou. Qual não foi a minha surpresa, quando, logo depois, recebi dele um bilhete nestes têrmos: "Não precisa dar-me para ler as provas. Não me compete julgar a minha própria honra".

Contra Gide

Falamos agora de Gide, a "bête noire" de Massis e o autor de "Jugements" declara:

— Todos os escritos de Gide não são malignos. Tinha êle a envergadura de um grande crítico. Gosto muito de "Pretextes" e "Nouveaux Pretextes"; mas Gide renega precisamente a parte de suas obras, em que êle porduziu o que ha nelas de melhor. Acho, aliás, que o seu estilo começa a trazer a marca do tempo. Suas mais belas manifestações estão ainda em "L'Enfant Prodigue", "Symphonie Pastorale". O drama de Gide foi o de querer ser um profeta, um libertador; quis introduzir oficialmente os costumes uranianos na sociedade. Mas sua tentativa fracassou. Creia-me, conheço bem Gide, é um homem cheio de "dessous, de reentrâncias ocultas. A última parte do seu diário, aliás, desgostou ao grande público.

(Quanto a mim, acho Massis, como sempre, demasiado severo e injusto com Gide... mas isso não altera em nada a glória do último).

Jules Romains e Martin du Gard

É a vez de aludirmos a Jules Romains: Massis informa-me:

— Há dezoito anos, Jules Romains tinha toda sua obra pronta; adotara um sistema de fichas, a teoria dos "copains", um civismo recoberto de hipocrisia, e começava sistemàticamente a escrever sua obra. Se a uma obrà algum dia faltou graça (no sentido de bafejo divino) e verdade essa foi a de Jules Romains. A vaidade de Romains não se justifica nem por suas origens que são modestas, nem por seus livros que representam um longo trabalho de escolar aplicado.

— É como Martin du Gard — intervem Halevy — êsse "javalí", na frase de Gide, que se apavorava com o materialismo do amigo. No fundo, o "javalí" não era perigoso e mostrava-se muito bem aplicado. "Jean Barois" provocou outrora discussões entre a mocidade. no grande público, mesmo. Hoje, já não tem sabor e a discussão soa falso.

Não poderei reproduzir aqui todas as "pointes" que os dois escritores lançaram contra os seus contemporâneos. Além disso, a entrevista já vai longa, e embora ciente de interessar os leitores, tenho que me restringir ao número de colunas que "Letras e Artes" me impõe.



Xilogravura de OSWALDO GOELDI

SUMULA DO MEDO

ATTILIO MILANO

EU estava deitado mas não dormindo. A noite, como eu nunca vira, abastecida de treva, entupia de cegueira os meus olhos escancarados. E o silêncio agudo desdobrava-a para a ir dobrando dilatada e diluida...

O que eu divisava era uma poeira negra em círculos doidos, antes do tamanho das minhas órbitas, logo em seguida crescendo afastados até... (Até o anel de Saturno, pensei) E meus ouvidos queriam escapar aguçados daquela morte desperta mas a mudez acumulada do senfim do páramo sepultou o meu corpo no transe original. Como em estado cataléptico debatia-se, deblaterava o meu espírito tentando fugir pelos meus poros. A toa andou êle, pois não havia orifícios na matéria esquecida, tapados por coágulos de mêdo. Sim, no mêdo daquela noite dúplice jazia eu. daquela apinhada noite! Só o pensamento saberia librar-se ir à frente azul que abebera as estrêlas. Aí choveria luz sobre a minh'alma. De que ádito do inferno subiu êsse vento enlutado que denigre a minha imaginação? Se estou dormindo e sonhando que estou acordado? Dormindo de olhos fincados no assombro? Oh! Agora o manto opaco tomba e não o vejo nem ouço...

Sentiria as extremidades geladas se sofresse algo. Creio que enlouqueci! Com um simples gesto ao alcance do botão elétrico e no entanto me deixo naufragado em trasgos. em íncubos. Nisto a escuridão desenrodilhou-se e se foi, assim como quem vai pra lá, riscando um comprido trilho por onde passou de guarda-chuva aberto. pé aqui, pé ali, equilibrando-se um espectro fantasiado de D. Juan. Lia o saltério, penitenciando-se em grego. Aonde fôra êle aprender o idioma dos setenta? Indagou meu pensamento a um raio que se lhe atravessou no caminho. Sucede que o raio ia tão veloz que quando pus o ponto na interrogação já êle fendia um cedro em país ignoto. Mas se a inspiração do poeta voa, corre e nada multíssimo mais que tudo: o espaçoso tempo, o cometa, o ódio, como não intimou a minha voz o relâmpago? Vão ver que gaguejei... Entrementes consegui trepar com a imaginação aos estímulos do ceu. Séculos debaixo dos meus pés aviões inter-planetários jactavam-se da sua longe altura e eu encostado às vigas do firmamento, pasmado. Que horas seriam lá embaixo? Veio-me estapafúrdia saudade de mim no meu arcabouço. Mas aquela noite perene, despencou-se uma estrêla, quis ver se tinha febre, deve ser a estrêla da manhã, tomara que sim, não possuía os membros, enrijecidos lá no meu invólucro. Meu pobre ser físico, tão intrincado de veias, de tendões, de líquidos, de falanges, falange de bilis, de pús, de lágrimas. Em que data teria eu desencarnado? Ignoro, acho-me num lugar onde porque nada começa não acaba... Meu filho perguntou em pequenino: "Mamãe, amanhã é dia 1? Então hoje é dia nenhum?". Ai lembranças terrenas! A despeito das irreflexões da vida: do beijo, da bala perdida, da mancenilheira, da encruzilhada, do soneto, do azinhavre da palavra de honra, da caricatura, recordo-me com certa simpatia do meu nariz etrusco e das duas verrugas que me afeiam a cara. "Desce daí, cagão!". Bradou uma voz oriunda de muito embaixo da terra. Reconheci pela ressonância o trágico apupo de Brunetro Latini. Um empuxão me sentou no leito. Era ante-manhã, os ruidos precursores do dia esfiapavam o silêncio. O relento aspergiu as folhas e a brisa começou a andar por elas .Estrias de luz puseram-se a espiar pela frincha da porta e, vendo-me ainda estremunhado, contornaram o jardim e penetraram em molhos vicejantes pêlas fendas da janela. O canto redondo dos galos despertou os sinos.

Reiner Maria Rilke e o lirismo de lingua portuguesa

(Conclusão da 1.ª pág.)

tas que entre nós não traíram o que há de essencial na inspiração poética — o seu caráter de "exercício espiritual" — êsses puseram Rilke num altar.

Não nos é permitido, com o conhecimento incompleto que neste momento ainda temos da moderna poesia brasileira, observar qual a forma que tomou na obra dos modernos poetas do Brasil a influência da obra de Reiner Maria Rilke. Mas é visível em certos poetas dêsse lado do Atlântico, um afastamento sistemático das formas líricas tradicionais da poesia de língua portuguesa. Essa confidência do grande poeta — "o artista não tem Pátria em parte alguma senão em si mesmo" — parece encontrar nos poetas do Brasil um éco que não teve nos poetas de Portugal. De fato, na poesia da fase atual de um Jorge de Lima, na obra de um Ledo Ivo ou de um Cassiano Ricardo, citando um pouco ao acaso, há muito menos "Pátria" — "Pátria" tradição — do que personalidade, do que nascimento poético "ab-ovo". O Brasil, mundo novo, muito mais fàcilmente pode fundar uma "Pátria" nova da poesia do que Portugal, velho mundo.

Parece-me, no entanto, que a lição de Rilke, enquanto experiência poética pessoal, merece editada pelos próprios poetas do Brasil. A leitura do estudo de Cristiano Martins, tão íntimo, tão compreensivo, tão revelador pode abrir-lhes horizontes no território poético do cantor das "Elegias de Duíno", as quais, graças à sua natureza extremamente pessoal, lhes darão a medida da irredutibilidade de toda a autêntica experiência poética. É certo que Cristiano Martins não se demora na análise de um dos passos quanto a mim mais ricos de significado da mensagem poética de Reiner Maria Rilke. Refiro-me àquela página dos "Cadernos de Malte Laurids Brigge" em que êste, debruçado sôbre um livro de versos, na sala de leitura da Biblioteca Nacional de Paris, onde, nesse momento, lêm trezentos leitores, considera que, ainda mesmo que o desejassem, impossível seria achar um poeta para cada um daqueles leitores, pois no undo inteiro, segundo Malte, não há trezentos poetas... De fato, diz Malte, penosa, morosa, "trabalhosa", difícil, dolorosa, secreta, íntima, rara é a poesia em seu ato criador. "Para lograr um só verso é preciso ver muitas cidades, conhecer os homens, as coisas e os animais, intuir porque voam os pássaros e discernir o movimento das flôres mais insignificantes a desabrochar pelas manhãs". E o autor, da monografia sôbre Rilke resume assim essa página admirável que ainda há pouco mereceu um profundo comentário de John Lehmann no "Penguin New Writing": "Faz-se mister tudo sentir e tudo compreender; imaginar caminhos em regiões desconhecidas, encontros inesperados e despedidas experimentadas antecipadamente; recordar o passado e advinhar o futuro; viver junto dos vivos e também dos mortos. Só enquanto estas sensações se convertem, para nós, em sangue, gesto e olhar — então, num momento extremamente excepcional, é possível que desponte em nossos lábios a primeira palavra de um verso. É que os versos não são, como tanta gente costuma supor, sentimentos que afloram em nós desde muito cedo, mas "experiências" que nós mesmos temos que cumprir e sofrer, por mais penoso e difícil que isto seja".

Embora não atribua a êste passo dos "Cadernos de Malte Laurids Brigge" a significação que lhe atribui um John Lehmann, no seu estudo do "Peguin New Writing", Cristiana Martins diz o bastante para que os poetas do Brasil, no caso de quererem prestar a Rilke os ouvidos da alma que êle solicita para tudo quanto exprime, sejam cautelosos na maneira como recebem a lição da poesia estrangeira, ainda mesmo quando, essa poesia é a poesia de um Reiner Maria Rilke. Em verdade, segundo o próprio autor das "Elegias de Duíno", a "Pátria" do poeta está em si mesmo, mas, insiste, essa "Pátria" não é território que qualquer possa anexar por um ato do fôrça ou decisão imperialista. A poesia — o mistério poético — é fruto de uma sucessão de "experiências" que o poeta tem de "cumprir" e "sofrer". E mais: tem de ser como que o casamento do céu e do inferno, como diria William Blake, a aliança entre o espírito e o verbo. E neste ponto não há forma de se transplantarem, íntegras, de poeta a poeta, de "Pátria" a "Pátria", pois cada poeta, de per si, é um território geográfico com a sua própria estrutura física e moral, as "experiências íntimas de cada um, essas "experiências" que são, afinal, o sangue e a carne de toda a verdadeira e nobre poesia. Incomunicáveis como são as experiências emocionais do homem, quando acontece o homem ser poeta, tais experiências apenas podem encontrar o seu ponto de saturação verbal dentro do condicionamento determinado pela família de circunvoluções mentais a que pertence a tradição do próprio poeta. Por isso mesmo parece que a influência de Reiner Maria Rilke ou a de qualquer outro grande poeta lírico estrangeiro apenas se tornará fecunda quando a ordem de experiências emocionais que ela revela, transmitindo-se, se integrar numa "linha de tradição ou de evolução poética" que em suas amplas oscilações não acuse qualquer cataclismo iminente. No caso de um cataclismo, a própria agulha do sismógrafo da expressão, arrancada ao curso previsto dos abalos psíquicos a cuja composição geológica se destina — a composição geológica rácida da alma do poeta —, descomandada, corre o perigo de se inutilizar para sempre.

Casa do Dragão
Cascais — Portugal

Elogio de um descendente de Ariel

(Conclusão da 11.ª pág.)

pírito de equilíbrio, isenção e economia.

Têm, pois, ponderáveis motivos, os que labutam na Universidade — professores, alunos e funcionários, que todos afinal são seus fans e seus amigos — para lhe serem gratos e sobretudo para lhe devotarem, como devotam, uma admiração irrestrita e afetuosa.

E eu, que nisto de admirar Pedro Calmon sou radical — eu que o sou em tão poucas cousas — senti-me orgulhoso e contente quando o seu substituto, o magnífico Reitor Deolindo Couto, me conferiu a alta honra de designar-me para saudá-lo nesta solenidade, que é uma autêntica festa de família — da nossa família universitária.

Inaugurando esta grande e bela Biblioteca, em cuja organização êle pessoalmente pôs tanto carinho e atenção, aqui nos reunimos para dizer-lhe, com a maior efusão e a mais cordial sinceridade, a nossa palavra amiga de gratidão, de admiração e de solidariedade, na hora em que o Govêrno, confiando-lhe o alto posto de Ministro de Estado, o subtraiu por algum tempo à direção suprema da Universidade, sem afastá-lo contudo do nosso convívio nem da nossa amizade, porque êle continua a frequentar-nos quasi diàriamente, com uma assiduidade que nos encanta e comove.

De resto, o seu sucessor, o Reitor Deolindo Couto, com a finura do seu espírito, e a elegância moral, e a lealdade que singularizam a sua admirável personalidade de homem e de mestre, não permite que da Universidade desapareça nem por um instante a presença inspiradora e amiga de Pedro Calmon — êsse descendente privilegiado do gênio sutil dos ares, leve imagem fugidia das coisas , na evocação lírica do poeta.

Ao saudá-lo, hoje, em nome dos nosos companheiros, quero colocar a Universidade sob o signo maravilhoso de Ariel, de quem êle descende em linha reta.

É preciso abandonar os caminhos materiais e de Caliban: o utilitarismo, o imediatismo, a sensualidade sem ideal, e seguir a rota de Ariel, o gênio do ar, da espiritualidade, que ama a inteligência por si mesma, a beleza, a graça, os puros mistérios do infinito.

Ariel, no símbolo shakespeariano é a parte nobre e alada do espírito, é o império da razão e do sentimento sôbre os baixos estímulos do instinto: é o entusiasmo generoso, o motivo alto e desinteressado da ação, a espiritualidade da cultura, a vivacidade e a graça da inteligência, o têrmo ideal a que ascende a seleção humana, "ratificando no homem superior os tenazes vestígios de Caliban, símbolo de materialidade e torpeza".

É que Pedro Calmon, meus senhores , com o espírito de Ariel, possui também a voz de Próspero: a voz firme e magistral, fluida como a límpida e sonora torrente, para fixar as idéias e insinuar-se nas profundidades do espírito, clarificadora da penetração dos raios mais puros da luz!

E êsse mestre sabe lidar com os moços e dominá-los sem violência, porque, sabe com Renan que "a juventude é a descoberta de um horizonte imenso, que é a Vida": êsse descobrimento, revela terras ignoradas, paisagens de incomparável beleza, miragens tão sedutoras como as de Cipango e El Dorado... Êsse o motivo secreto e profundo porque êle sabe falar à juventude, e fazer-se entendido por ela. E, na gestão de uma Universidade, que vive em função da juventude que estuda, é preciso saber falar aos moços com a linguagem que êles entendam. Pedro Calmon, que conhece o segredo de tôdas as linguagens, sabe falar da mesma forma, com o mesmo dom de compreensão e da persuasão, aos velhos como aos moços — e nisso reside o suave mistério do seu sortilégio pessoal — o sortilégio de uma voz límpida, fluente e cálida, que é uma invenção generosa de Ariel, chave que lhe tem aberto e lhe há de abrir tôdas as portas do triunfo, da admiração, da amizade e da estima pública".

Visita ilustre

A Academia recebeu, na última quinta-feira, a visita do Prof. Quesada, diretor da Faculdade de Letras da Universidade Maior de S. Marcos, de Lima, e diretor do "Jornal do Comércio" do Perú. Acompanhou-o o Embaixador Cisneros. Saudado pelo sr. Carneiro Leão, o sr. Quesada respondeu, tendo falado também o Embaixador Cisneros.

Regressa Gustavo Barroso

Tendo voltado do Recife, reassumiu a Presidência da Academia o sr. Gustavo Barroso.

NO PETIT TRIANON

Elogio de um descendente de Ariel

DIOGENES LAERCIO

Na cerimônia da inauguração da Biblioteca Central da Universidade do Brasil, que coincidiu com a comemoração do 2.º aniversário da gestão do sr. Pedro Calmon na Reitoria, o sr. Peregrino Júnior, orador oficial da solenidade, pronunciou o seguinte discurso:

"País melancòlicamente dominado pelos descendentes de Calibam — aquêle "savage and deformed slave" de Shaskespeare, que em cena quer sempre comer:

"I must eat my dinner"... o que simboliza o utilitarismo, o imediatismo, a sensualidade sem ideal, - é no Brasil reduzida e rara a progenie feliz de Ariel — "Atrity Spirit", o gênio sutil da espiritualidade e da graça, da beleza e da inteligência.

Mas há alguns anos — vinte ou trinta — um descendente direto de Ariel, vindo da Bahia, e baiano de 400 anos, saltou alí no Cais do Porto e instalou-se definitivamente no Rio.

Alegre e ágil, o seu itinerário foi ascendente, reto e vitorioso.

Chegando ao Rio ainda adolescente, mas confiante e resoluto apesar de até então desconhecido vamos encontrá-lo pela primeira vez nas colunas da "Gazeta de Notícias", sob a direção de Laudelino Freire e Amadeu Amaral, assinando artigos sôbre história e literatura. Pouco depois, encontrámo-lo, grave e aplicado, secretário do Museu Histórico, ao lado de Gustavo Barroso. E o convívio diário dêsses três acadêmicos ensinou-lhe decerto o caminho da Academia, cujas portas se lhe abrem, antes dos 35 anos, num pleito memorável, em que derrota adversários de grande prestigio político e literário. Este predestinado filho de Ariel — homem cordial, de sedutora inteligência, a cujo poder de fascinação pessoal ninguém saberia resistir, começou a sua careira triunfante por onde os outros acabam. Na multiplicidade de seus pendores, na riqueza complexa de sua substância intelectual, nas graças sutis de seu espírito numeroso rutilante, dotado de tantos dons, Pedro Calmon sabe temperar de malícia e ironia a grave importância das suas funções oficiais, o que lhe permite subir sem irritar ninguém, triunfar sem humilhar seus cocorrentes, ocupar os mais altos postos com naturalidade.

Inicialmente jornalista e escritor, bacharel como tôda gente; depois acadêmico e deputado, professor universitário e diretor, por mais de dez anos, da Faculdade de Direito, Pedro Calmon atinge o posto mais brilhante da sua carreira de homen público e homem de cultura no dia em que, eleito por unanimidade consagradora, num instante grave e difícil da história da nossa Universidade, é nomeado para o alto cargo de Reitor. Acadêmico e professor, êle, que já fôra deputado, delegado ao Brasil em várias missões diplomáticas e culturais no estrangeiro, e que, possuindo, como dizia Afrânio, "o dom baiano da eloquência", era considerado sem favor o primeiro dos nossos oradores e o mais admirável dos nossos conferencistas, assume a direção suprema da Universidade com a graça natural e simples de quem estava habituado a exercer todos os postos de direção e de evidência. Tendo sido sempre na serena cordialidade do Conselho Universitário, um companheiro amável, simples e leal, Calmon não nos surpreendeu com a sua atuação feliz, prudente e eficaz, na Reitoria da Universidade. De começo, conhecendo-lhe as finas qualidades cordiais de amigo e companheiro, e conhecendo-lhe sobretudo o tato político e a vocação diplomática, julgamos todos que a sua função, na Universidade, seria apenas a de pacificá-la: restaurar as bôas relações entre mestres e discípulos, pôr em equilíbrio e cortesia na condução superior do Conselho Universitário, restaurar, em suma, o clima de tranquilidade e bom entendimento na casa conturbana e inquieta. Ninguém ousava predizer-lhe, contudo, uma grande e marcante atuação do ponto de vista administrativo.

— Qual! o Calmon é muito inteligente, para administrar bem!... pensavam com amavel ceticismo as Cassandras universitárias. Era o velho sestro brasileiro de subestimar a atuação dos homens de inteligência na vida política e administrativa do país. Vem de longe entre nós, a abusão de que o homem de grande talento não serve para administrar. A inteligência, no Brasil , em verdade atrapalha e compromete... infunda receio, inspira desconfiança. Foi o caso de João Francisco Lisboa, no primeiro Reinado. Foi o de Alencar, no segundo. E foi o de Ruy, na república. De modo geral, segundo a velha e aguda observação, o que nós prezamos e preferimos, na direção dos negócios públicos, é o temperamento ponderado, a mediocridade serena e polida, nas virtudes medidas e seguras. Conservamos um sagrado horror aos homens de grande e viva inteligência. Herdamos do Império e mantemos ate hoje cauta desconfiança diante de tudo aquilo que não seja reserva acomodatícia, fúnebre circunspeção, soturna sisudez, gestos pausados, sôbrecenho triste, movimentos lentos e medidos, lábios cerrados, palavra prudente e incolor. Êsse velho e rançoso preconceito tem comprometido e frustrado a careira pública dos nossos melhores valores. E foi por fidelidade a êsse unânime horror à inteligência, a êsse culto memorial da mediocridade e da incultura, que muita gente recebeu com reserva e ceticismo a nomeação de Pedro Calmon para o alto posto de Reitor. Mas, sutil e malicioso, êste jovem descendente de Ariel, sempre atendo à voz firme e lúcida de Próspero, soube opôr um formal, irrecorrível e definitivo desmentido a êsses prenúncios pessimistas, realizando na Universidade uma administração exemplar: honrada, progressista e dinâmica, além de cordial e compreensiva .

Do aspecto político da sua atuação, nada preciso dizer: restabeleceu a paz e a concórdia na casa; transformou o Conselho num órgão eficiente, sereno e justo, onde os debates são um jogo floral de argumentos impessoais e eloquência generosa, conduzindo-o de tal forma que suas sessões acabam sempre à hora exata e esgotam integralmente a ordem do dia, sem crises nem incidentes, sem gritos nem tumultos, com um mínimo de discussões inconsequentes; pacificou os estudantes, domando-lhes com paternal, ou talvez fôsse melhor dizer — fraternal doçura os impulsos de rebeldia, numa atitude de tolerância, paciência e compreensão verdadeiramente prodigiosa; e criou na Universidade, um clima de espiritualidade, cordialidade e até de dôce malícia, que fez da nossa casa ilustre e austera um dos mais brilhantes centros da gravitação da vida intelectual do país.

Quanto à sua ação administrativa, basta recordar que, com o seu alegre dinamismo, para começar, recuperou Pedro Calmon para a Universidade, êste imperial palácio, que detinhamos sem utilizar há cêrca de dois anos, aguçando pela nossa inércia os naturais apetites das instituições que necessitavam, como nós, de espaço vital e teto generoso... E depois de vencer a áspera batalha da conquista dêste grande patrimônio, êle foi mais longe: restaurou-o e mobiliou-o, com o gôsto, com a sensibilidade com que só um grande artista poderia fazê-lo, entregando à cidade, restaurado e imponente, um dos seus mais belos, mais nobres e mais severos monumentos. E aqui, para mostrar a capacidade econômica do grande administrador, vou revelar-vos um espantoso milagre de Pedro Calmon: na mobilia e equipamento dêste Palácio gastou êle apenas 823 mil cruzeiros, tendo ficado a restauração do prédio em Cr$ 2.000.000,00! Mas não houve unidade não houve setor, não houve território da Universidade que não tivesse recebido, nestes dois anos da gestão Calmon, benefícios generosos e úteis.

Citarei aqui, de passagem, as mais importantes obras — representadas na linguagem rígida e expressiva das cifras — que a administração Calmon realizou de 1948 até hoje:

EM 1948

	Cr$
E. S. F. A. — Reparos e adaptações	370.000,00
E. N. E. F. D. Reparos e adaptações	150.000,00
F. N. Medicina	430.000,00
F. N. Direito - Equipamentos	1.000.000,00
E. N. Quimica - Equipamentos	841.000,00
F. N. Medicina	192.000,00
I. Ginecologia	197.000,00
Lavandaria da U. B. .	550.000,00
E. N. Engenharia ..	308.000,00
Serv. Alim. Reitoria	890.000,00
F. N. D. — Restaurante	200.000,00

EM 1949 — Crédito de Cr$ 600.000,00 p/a Maternidade Escola. — Destaques autorizados:

S. A. U. B.	732.500,00
F. N. Direito	153.000,00
E. N. B. A.	158.000,00
Maternidade Escola .	578.000,00
Of. Gráfica U. B. .	663.000,00
Clínica Propedêutica Médica	600.000,00
Cad. de Fisiologia ..	180.000,00
Clín. Cirúg. Infantil	510.000,00
E. E. A. Neri	196.600,00
E. N. Engenharia ..	200.000,00
F. N. Medicina	190.000,00
I. Anatômico	90.000,00
E. N. Música (elevadores)	430.000,00
I. Neurologia	1.800.000,00
Matern. Escola	200.000,00
5.ª Cadeira de Clin. Médica	380.000,00
F. N. Direito	250.000,00
Biblioteca da F. N. M.	101.900,00
Palácio Universitário	2.000.000,00
Oficina Gráfica da U. B. (Máquinas)	420.000,00

EM 1950 —

Cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental .	586.000,00
E. N. M. M. (linotipo)	140.000,00
E. E. A. N. (reforma no Pav. de aulas)	150.000,00
Cad. de Parasitologia	199.200,00
Clinica Cirúrgica Ortopédica	300.000,00
Matern. Escola	587.000,00
Cad. de Farmacologia	130.000,00
4.ª Cad. de Cli. Médica	300.000,00
F. N. Odontologia ..	2.300.000,00
Of. Gráfica	270.000,00
Cad. de Patologia Geral	200.000,00
Restaurante da E. N. E.	220.000,00
Orgão da E. N. Música	500.000,00
Bolsas de estudos no valor de	700.000,00

Além de tudo, obtendo do sr. Ministro da Fazenda um acréscimo nos nossos juros bancários, conseguiu Pedro Calmon elevar a nossa arrecadação de juros, que em 1949 foi de Cr$ 1.700.000,00, para Cr$ 2.100.000,00 em 1950.

Outras realizações que marcam ainda singularmente a administração Pedro Calmon foram: a instalação e funcionamento da Divisão de Assistência ao Estudante, da Universidade do Brasil; a criação do restaurante da Universidade, localizado numa das salas do Palácio Universitário; a instalação e funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos no Palácio Universitário; e a celebração de um importante convênio com a Campanha Nacional da Tuberculose, para socorro e assistência ao estudante tuberculoso.

Como se vê, uma obra extraordinária, das mais importantes , extensas e eficazes, realizada sem alarde, sem tropeços, com ritmo seguro e firme, dentro do mais austero es-

(Conclui na 10.ª página)

LETRAS INGLESAS

AUTORES EM EVIDÊNCIA. — James Hanley, cujo livro "Winter Song" já comentamos nesta coluna, nasceu em Dublin, no ano de 1901, de pais irlandeses. Estava recebendo a clássica "educação liberal", quando trocou os estudos pelo mar, e o resultado, diz êle, "é, pois, obra minha". Mais tarde, tornou-se jornalista e sòmente em 1939 publicou o primeiro livro. Embora um de seus trabalhos iniciais houvesse alcançado "succés de scandale", foi "Men in Darkness", em 1931, que o colocou no horizonte literário. Data de 1933, com "Capitain Bottell", seu primeiro êxito de vulto. No ano seguinte, "The Furys" impressionou, a fundo, tanto o público como a critica, e, desde então, vem êle vivendo exclusivamente da pena. E' casado, tem um filho, e mora em uma localidade remota do País de Gales.

Escreve, quase sempre, sôbre o mar e os marinheiros. São suas estas palavras: "Quanto mais insignificante é o indivíduo neste rodamoinho da sociedade industrializada e civilizada, mais importante se torna para mim". Conceito êsse que confirma no seu novo livro A WALK IN THE WILDERNESS (Phoenix House), contendo cinco novelas sôbre assuntos contemporâneos.

Segundo sua opinião, os grandes, verdadeiramente grandes escritores do mar são Dampier, James, Capot, Raleigh e — em nossos dias — Melville, o grande poeta do mar, cujo maior trabalho, "Moby Dick", vem de ser traduzido para o português, por Berenice Xavier. Diz Hanley "Dêem-me aquele coração transbordante e impetuoso de Melville, de preferência ao de Conrad, remoto e planetário".

Os livros de Hanley possuem o dom de evocar piedade e terror, sem poupar o lado tétrico. A crítica acha-se dividida quanto à sua obra, sendo porém, unânime em atribuir proporções de saga ao seu quarteto de livros sôbre a Família Fury — "The Furys", "The Secret Journey", "Our Time is Gone" e "Winter Song". Este, o mais recente, ao ser publicado no começo do ano, teve ótima acolhida.

Não pode haver mais dúvida quanto ao alto pôsto de James Hanley na hierarquia dos escritores do mar.

MISS TU (Heinemann) — Volta Lin Yutang, o velho e bom amigo dos muitos leitores que possui no Brasil, a deliciar-nos com outra novela de aspectos da vida na China. Conta-nos, em bom estilo, os amores de uma cortesã profissional, vendida, desde a infância, a um jovem universitário empedernido, pertencente a uma família tradicional. Miss Tu está no auge da beleza e popularidade; nada possui ela além do pai, pesado e convencional. No estabelecimento onde ela trabalha, é a principal fonte de renda, e sòmente por compra poderá dali se libertar. Lin Yutang começa a narrativa no fim dos acontecimentos, o que se justifica perfeitamente, pois torna os quadros retrospectivos de excepcional interêsse. Seu forte é a novela longa e, nesta, supera o panorama da vida chinêsa que apresentou em "Momento em Pequim".

Voltaremos a tratar de "Miss Tu", que recebeu da critica inglêsa, sempre exigente e parcimoniosa de elogios, a qualificação, sem dúvida honrosa, de ser, quase, uma pequena obra-prima

Letras e Artes

DIREÇÃO

DE

JORGE LACERDA

COLABORADORES:

Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alcântara Silveira, Alceu Amoroso Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimarães Filho, Alvaro Gonçalves, Anibal Machado, Anor Butler Maciel, Antonio Rangel Bandeira, Ascendino Leite, Atilio Milano, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Acioli, Brito Broca, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecilia Meireles, Christiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Cláudio T. Barbosa, Dalton Trevisan, Damaso Rocha, Dantas Mota, Dinah S. de Queiroz, Eugenio Gomes, Euryalo Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Câmara, João Condé, Joaquim Ribeiro, J. P. Moreira da Fonseca, José Lins do Rego, Jorge de Lima, José F. Coelho, José Geraldo Vieira, José Simeao Leal, José Tavares de Miranda, Josué de Castro, Josué Montello, Leony de Oliveira Machado, Lêdo Ivo, Ligia Fagundes Teles, Louis Wiznitzer, Lopes de Andrade, Lucio Cardoso, Luiz Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mario da Silva Brito, Mario Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Newton de Freitas, Octavio de Faria, Olimpio Monrão Filho, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Pericles da Silva Ramos, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Roger Bastide, Rogerio Corção, Roland Corbisier, Rosario Fusco, Rubem Biafora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Silvio Elia, Sylvio da Cunha, Sonia Regina, Tasso da Silveira, Temistocles Linhares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Van Jafa, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo, Willy Lewin, Xavier Placer, Haidée Nicolussi, Mietta Santiago, Guido Wilmar Sassi e Jorge Barroso Filho.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcelo Grassmann Marcier, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luiz Jardim, Noemia, Oswaldo Goeldi, Paulo O. Flores, Paulo Vincent, Renina Katz, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.

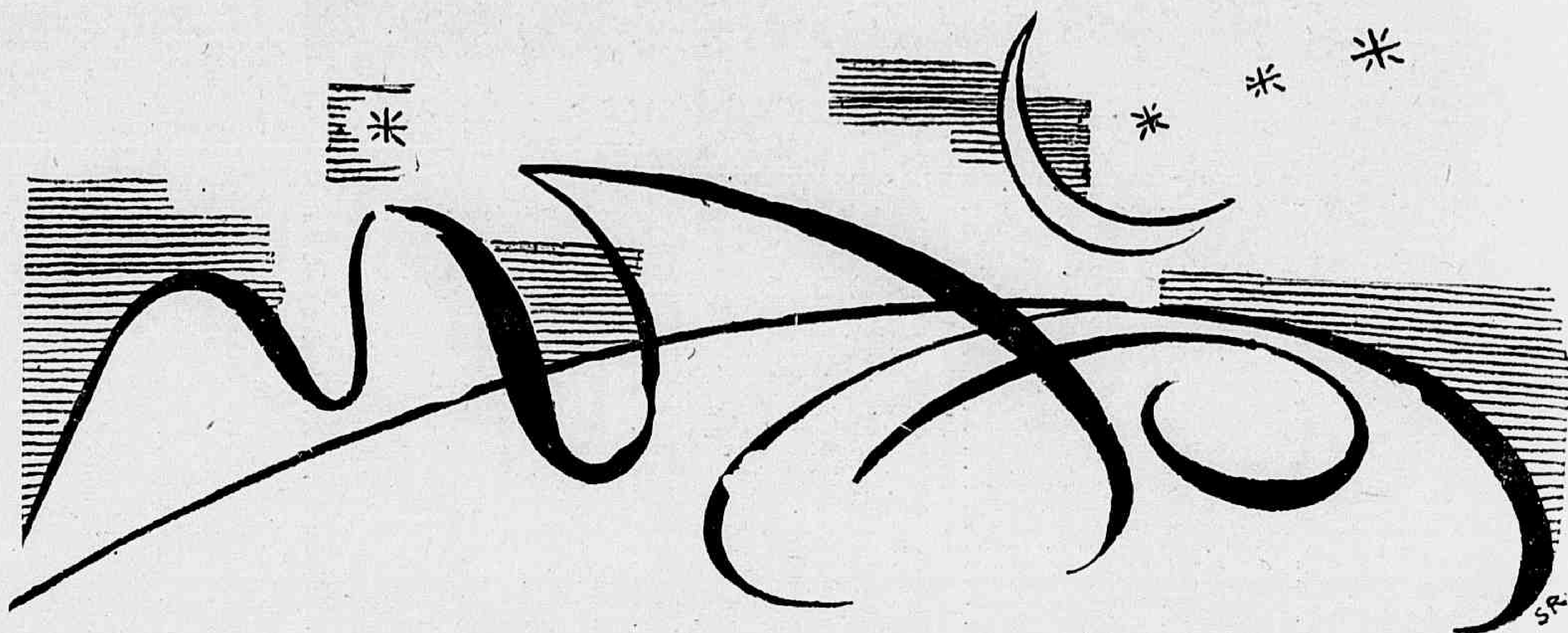


Ilustração de SANTA ROSA

CANTARÃO OS GALOS

CANTARÃO OS GALOS, QUANDO MORRERMOS,
E UMA BRISA LEVE, DE MÃOS DELICADAS,
TOCARÁ NAS FRANJAS, NAS SÊDAS
MORTUÁ.

E O SONO DA NOITE IRÁ TRANSPIRANDO
SÔBRE AS CLARAS VIDRAÇAS.

E OS GRILOS, AO LONGE, SERRARÃO SILÊNCIOS,
TALOS DE CRISTAL, FRIOS, LONGOS ÊRMOS,
E O ENORME AROMA DAS ÁRVORES.

AH, QUE DOCE LUA VERÁ NOSSA CALMA
FACE AINDA MAIS CALMA QUE O SEU GRANDE ESPÊLHO
DE PRATA!

QUE FRESCURA ESPESSA EM NOSSOS CABELOS,
LIVRES,COMO OS CAMPOS PELA MADRUGADA!

NA NÉVOA DA AURORA,
A ÚLTIMA ESTRELA
SUBIRÁ PÁLIDA

QUE GRANDE SOSSÊGO, SEM FALAS HUMANAS,
SEM O LÁBIO DOS ROSTOS DE LÔDO,
SEM ÓDIO, SEM AMOR, SEM NADA!

COMO ESCUROS PROFETAS PERDIDOS,
CONVERSARÃO APENAS OS CÃES, PELAS VÁRZEAS.
FORTES PERGUNTAS. VASTAS PAUSAS.

NÓS ESTAREMOS NA MORTE
COM AQUELE SUAVE CONTÔRNO
DE UMA CONCHA DENTRO D'ÁGUA.

CECILIA MEIRELES